

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

**BIBLIOTECAS VIVAS RESISTEM: ações promovidas pela Biblioteca
Sinhá Junqueira no combate às desigualdades**

Gabriele da Silva Santos

São Carlos - SP
2024

GABRIELE DA SILVA SANTOS

**BIBLIOTECAS VIVAS RESISTEM: ações promovidas pela Biblioteca
Sinhá Junqueira no combate às desigualdades**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Graduada em Biblioteconomia e
Ciência da Informação pela Universidade
Federal de São Carlos.

Orientadora: Luciana de Souza Gracioso

São Carlos - SP

2024

Santos, Gabriele da Silva

BIBLIOTECAS VIVAS RESISTEM: ações promovidas pela Biblioteca
Sinhá Junqueira no combate às desigualdades / Gabriele da Silva
Santos -- 2024. 99p.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Luciana de Souza Gracioso

Banca Examinadora: Paula Regina Dal'Evedove, Sônia Maria
Pinheiro

Bibliografia

1. Relações da biblioteca com o público. 2. Biblioteconomia. 3.
Biblioteconomia Social. I. Santos, Gabriele da Silva. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

BIBLIOTECAS VIVAS RESISTEM: ações promovidas pela Biblioteca Sinhá Junqueira no combate às desigualdades

Gabriele da Silva Santos

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Luciana de Souza Gracioso
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Membro da banca (1)

Paula Regina Dal'Evedove
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Membro da banca (2)

Sônia Maria Pinheiro
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Dedico este trabalho ao meu avô Manuel que se foi, e que sempre me falou sobre a importância da educação. Dizia “estuda que você vai chegar longe” mesmo sem ter tido oportunidade de concluir os estudos. Eu cheguei longe, vô Mané.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha mãe. Mãe solo, autônoma, que criou uma filha e um filho com muitas dificuldades, mas que nunca se abdicou de nos ver bem. Obrigada por tudo que fez por mim. Você comprou minha ideia de cursar BCI mesmo sem acreditar ou entender direito o que se tratava o curso. Ter te ouvido quando disse que se eu não fizesse ninguém faria por mim me motivou a me fortalecer sempre que preciso, para poder me levantar e caminhar depois das dificuldades. Um agradecimento também a sua irmã, minha tia Ivone, que me incentivou a praticar o hábito da leitura, contribuindo para que eu chegasse onde estou.

Agradeço imensamente ao meu companheiro de vida, de casa e do coração, Ycaro. Teu amor e apoio me permitiram me ver com mais carinho, gentileza e menos cobrança, me mostrou como a mulher que sou e me incentivam a ser a mulher que quero me tornar.

Agradeço aos meus avós, meu falecido avô, um homem duro e que não teve a oportunidade de estudar que eu tive, mas que acreditava na educação como a principal ferramenta para mudar o mundo. Da mesma forma um agradecimento à minha avó Luzia, mulher preta, analfabeta, que merece todo o cuidado do mundo e pela qual carrego um amor sem igual. Espero ser a primeira neta de vocês a se formar num curso superior.

Também, agradeço a Prof^a e orientadora Luciana Gracioso. Acredito que escolhi a orientadora certa devido a sua crença na minha capacidade de desenvolver um tema caro para mim e também para ela. Obrigada pelas dicas valiosas, pelo acompanhamento e por também colocar a Juliana para ajudar na reta final do trabalho. Sem vocês duas nada disso seria possível.

Um muito obrigada ao Artur, Chefe do Departamento de Ciência da Informação que sempre me ajudou com os trâmites da universidade. Nesse sentido, um obrigada também a Prof^a Paula Dal'Evedore, tutora do PET e a todos os petianos deste projeto de ensino, pesquisa e extensão que durante o ano passado e esse ano me motivam a criar possibilidades enquanto futura profissional, e me ensinam o valor de se voltar para a comunidade acadêmica e externa na promoção de atividade dos mais diversos tipos. O PET está sendo uma experiência enriquecedora que tem me gerado frutos.

Agradeço também aos bibliotecários Sônia, Fátima e Marcos Teruo, profissionais que me ensinaram muito sobre a profissão, cada um à sua maneira e na sua área de atuação. Vocês foram essenciais para moldarem a profissional que quero me tornar.

Por fim, agradeço as amigadas que construí na universidade, as que mantive fora dela e que me ajudaram a passar por momentos difíceis onde pensava em desistir. Aos companheiros da luta política, um muito obrigada por me fortalecerem tanto. A produção do TCC foi um desses momentos. Diante tantos empecilhos, de ordem mental, financeira e de saúde, só pude continuar escrevendo este trabalho pois todos vocês acreditaram em mim e estiveram ao meu lado. Amo todos, cada qual a sua maneira, e por isso não citarei nenhum nome. Não há juízo de valor quando falamos de amizade, há apenas companheirismo e amor.

Precisamos nos esforçar para "erguer-nos enquanto subimos". Em outras palavras, devemos subir de modo a garantir que todas as nossas irmãs, irmãos, subam conosco.

(Angela Davis)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o impacto do modelo de "biblioteca vivas" voltadas para a perspectivas de combate às desigualdades das minorias e grupos vulneráveis. Defenderemos o modelo de biblioteca viva enquanto um formato de biblioteca que provoca resistência dos sujeitos historicamente afastados do espaços democráticos seus por direito. O modelo visa responder a estas demandas através do acesso à informação, educação, literatura e participação na tomada de decisões. Portanto, a partir do estudo de caso parcial da Biblioteca Sinhá Junqueira, faremos uma exposição das ações socioculturais que atendem e representam este recorte da sociedade, e que se amparem nos Objetivos Para o Desenvolvimento Sustentável e o Manifesto de Biblioteca Pública da IFLA - UNESCO 2022. A pesquisa se baseia no método de revisão bibliográfica de caráter exploratório e qualitativo, contando com uma busca extensiva por bibliografia a respeito de "bibliotecas vivas" e mediação da informação. Foi possível observar a importância da prática de mediação da informação realizada em favor do protagonismo social, objetivando o aumento da participação de diferentes grupos minoritários na construção da BSJ e que implicam na melhoria de vida dos sujeitos desses grupos. Concluimos que a biblioteca viva é um modelo de biblioteca não tradicional e contemporâneo, que expande os horizontes para o debate a respeito do futuro das bibliotecas e corrobora para a redução das desigualdades.

Palavras-Chave: grupos vulneráveis; mediação da informação; bibliotecas vivas; protagonismo social; Biblioteconomia Social.

ABSTRACT

The aim of this paper is to understand the impact of the "living library" model, which is geared towards combating the inequalities of minorities and vulnerable groups. We will defend the living library model as a library format that provokes resistance from people who have historically been excluded from their rightful democratic spaces. The model aims to respond to these demands through access to information, education, literature and participation in decision-making. Therefore, based on the partial case study of the Sinhá Junqueira Library, we will present the socio-cultural actions that serve and represent this section of society, and which are based on the Sustainable Development Goals and the IFLA - UNESCO 2022 Public Library Manifesto. The research is based on an exploratory and qualitative bibliographic review, with an extensive search for literature on "living libraries" and information mediation. It was possible to observe the importance of the practice of information mediation carried out in favor of social protagonism, aiming to increase the participation of different minority groups in the construction of the BSJ, which implies the improvement of the lives of the subjects of these groups. We conclude that the living library is a non-traditional, contemporary library model that expands the horizons for the debate on the future of libraries and contributes to reducing inequalities.

Keywords: vulnerable groups; information mediation; living libraries; social protagonism; Social Librarianship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A biblioteca Altino Arantes no Centro de Ribeirão Preto.....	61
Figura 2 - Casarão da Biblioteca Sinhá Junqueira após reforma.....	62
Figura 3 - Fachada e área externa da Biblioteca Sinhá Junqueira após reforma.....	63
Figura 4 - Área externa da BSJ.....	64
Figura 5 - Auditório da BSJ com capacidade para 60 pessoas.....	64
Figura 6 - <i>Card</i> de divulgação: Campanha solidária de produtos de limpeza para pessoas em situação de rua.....	67
Figura 7 - <i>Card</i> de divulgação da Roda de Conversa: Arquitetura Social - Direito à vida.....	68
Figura 8 - <i>Card</i> de divulgação: Visitas mediadas e Rompendo grade com poesia.....	69
Figura 9 - <i>Card</i> de divulgação : Exposição fotográfica “Mulheres Fortes”.....	70
Figura 10 - <i>Card</i> de divulgação: Roda de conversa Preconceitos na literatura.....	71
Figura 11 - <i>Card</i> de divulgação: Clube Do Livro Resenha Preta.....	72
Figura 12 - <i>Card</i> de divulgação: programação do Festival Literário de Inverno de Ribeirão Preto (FLIRP).....	73
Figura 13 - <i>Card</i> de divulgação: Sarau CapTurArte.....	74
Figura 14 - <i>Card</i> de divulgação: Campanha de doação de brinquedos.....	74
Figura 15 - <i>Print screen</i> do <i>card</i> de divulgação da campanha: Pobreza e Dignidade Menstrual.....	75
Figura 16 - Foto de alunos em aula , no Curso de introdução à língua portuguesa para estrangeiros.....	76
Figura 17 - <i>Card</i> de divulgação: Curso de comunicação e audiovisual.....	76
Figura 18 - <i>Card</i> de divulgação: Roda de conversa: A relação do ser-humano (pluralidade e diversidade de corpos) com o espaço, com foco principal em espaços culturais.....	77
Figura 19 - <i>Card</i> de divulgação: Programação 23/07/2022.....	78
Figura 20 - <i>Card</i> de divulgação: Cura pela arte - oficinas de arteterapia para mulheres.....	79
Figura 21 - <i>Print Screen</i> do <i>card</i> de divulgação do curso: English descomplicado...80	

Figura 22 - <i>Print Screen</i> do <i>card</i> de divulgação da roda de conversa: O que dizem as minorias sobre o privilégio masculino branco?.....	80
Figura 23 - <i>Print screen</i> do <i>card</i> de divulgação da palestra: Ecologia humana e a integração com a natureza.....	81
Figura 24 - <i>Print screen</i> do <i>card</i> de divulgação: Evento Becomadre.....	82
Figura 25 - <i>Print screen</i> <i>card</i> de divulgação: Oficina sobre Biblioteca Acessível e Bibliodiversidade.....	83
Figura 26 - Foto da palestra: Descolonizando Afetos.....	84
Figura 27 - <i>Card</i> de divulgação: Festival Potências Pretas.....	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 JUSTIFICATIVA	18
2. OBJETIVOS	23
2.1 GERAL	23
2.1.1 Específicos	23
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	28
4.1 PAULO FREIRE, OS OPRIMIDOS, A BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO	28
4.2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E PROTAGONISMO SOCIAL	33
4.2.1 Manifesto da Biblioteca Pública Ifla-Unesco 2022	42
4.2.2 Agenda 2030: objetivos para a redução de desigualdades	50
4.2.3 IFLA /FEBAB e as bibliotecas na Agenda 2030	51
5. CONCEITUANDO BIBLIOTECA VIVA	56
6. ESTUDO DO CASO PARCIAL DA BIBLIOTECA SINHÁ JUNQUEIRA	61
7. RESULTADOS E ANÁLISE	86
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	93

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca surge num contexto no qual as informações precisavam ser recuperadas de forma a serem úteis à humanidade, mas com a condição de que fossem informações registradas, preservadas e organizadas de modo a perdurarem e não se perderem nos suportes utilizados no seu nascimento.

Datada do terceiro milênio, na Antiguidade Clássica, surge a primeira biblioteca primitiva, a Biblioteca de Ebla, na Síria, que com coleções de 15 mil tábuas de argila dispunha de textos administrativas, literários e científicos, além de resumos contendo a descrição de conteúdo dos documentos em escrita cuneiforme e no idioma sumério. Tal descoberta desta biblioteca, em 1975, revelou a história mais fidedigna sobre a Síria e o Oriente Médio, de modo que “[...] a organização nela encontrada vem sendo considerada a origem dos princípios da Biblioteconomia” (Sagrado e Nunu, 1994, apud Ortega, 2004, p. 2).

Os indícios apontam que as outras bibliotecas construídas e historicamente conhecidas são: a Biblioteca de Nipur, na Babilônia, que utilizou de tábuas de argila e escrita cuneiforme para registrar informações sobre diversos assuntos, a Biblioteca de Alexandria, no Egito que desapareceu devido a ataques de grupos saqueadores, religiosos obstinados e vários desastres naturais (Santos, 2014). Na Idade Média, no Ocidente e no Oriente, eram as igrejas e mosteiros os endereços que guardavam bibliotecas, estas muito importantes e valiosas para legitimação e preservação do conhecimento da época, sobretudo da antiga cultura greco-romana. Ademais, mais tarde as bibliotecas universitárias foram fundadas, no século XIII, na Europa, e grandes colecionadores de livros, nobres, se tornaram comuns (Ortega, 2004).

Apesar da existência da biblioteca desde a Antiguidade clássica, nem todos podiam ter acesso aos livros ou exercer a leitura. Apenas o clero, enquanto monopolizador do conhecimento e a nobreza, com sua influência e poder tinham acesso à leitura e à escrita, ou seja, à alfabetização. A plebe, ou seja, a população pobre, por sua vez, acompanhava leituras por meio da tradição oral, esta realizada pelo clero mediante seu controle da biblioteca e dos livros manuscritos. Portanto, desde a pré-história a população era educada por meio da tradição oral (Morigi; Souto, 2006).

Ocasionalmente, em meados de 1440, Gutenberg inventou a prensa

mecânica. A partir daí, a técnica da tipografia permaneceu a mesma até o começo do século XX, e por meio de uma produção em alta escala, diversos países receberam impressos, o que popularizou fortemente a imprensa, resultando numa revolução tecnológica para a época. Com isto, a produção de livros foi crescendo e sendo barateada, além da sua distribuição ter sido facilitada, acabando portanto, com o monopólio que a igreja possuía sobre a produção dos recursos informacionais (Ortega, 2004). Junto desta clientela leitora, a leitura se fortificou e alcançou outros públicos aquém daqueles privilegiados, com a ascensão da escola e obrigatoriedade do ensino (Fernández; Kanashiro, 2011, p. 136).

Com a idade moderna, o olhar para os bibliotecários e as bibliotecas foi se solidificando, e os estudos na área já estavam caminhando para as formulações a respeito do papel do bibliotecário e da biblioteca. Nesta concepção de modernidade, onde a oposição à idade antiga e medieval era considerada, a biblioteca pública se prestava à organização do acervo e a Biblioteconomia enquanto área de estudos, que estabelece os procedimentos para existência deste conceito de biblioteca pública (Ortega, 2004).

Conforme a reflexão de Milanesi (2013, p. 68), é possível visualizarmos controvérsias com relação à perspectiva da biblioteca tradicional, uma vez que

Para alguns, a biblioteca tradicional nunca vai acabar. Para outros, ela desaparecerá como um órgão que perdeu a função e é eliminado; ou se extingue por atrofia. Da mesma forma que a fotografia não desapareceu, mas se aperfeiçoou com os recursos digitais, com a biblioteca pública ocorrerá o mesmo. A sua função básica – prestar informações necessárias à coletividade – permanece e, com os novos recursos, poderá ser incrementada.

Posteriormente, Gabriel Naudé escreveu a obra *“Advis pour adresser une bibliothèque”* propondo alguns princípios e conceituações valiosas sobre a biblioteca atual, destacando sua teoria de “ordem bibliográfica”, à qual, na prática possibilitaria “[...] o acesso e o compartilhamento do saber, conduzindo a uma organização da razão política” (Ortega, 2004, n.p).

Os ideias e a atuação de Naudé o levaram a defender a biblioteca como impreterivelmente pública e universal, indo contra o monopólio da Igreja sob este equipamento social, com seu poder superior e espiritual, mas dialogando a favor da construção de um projeto político para uma biblioteca que desempenhasse o papel de uma “máquina cultural” (Ortega, 2004). Esta perspectiva vai de encontro com o

conceito de biblioteca viva enquanto biblioteca para todas e todos, incluindo as minorias sociais que se utilizam deste equipamento cultural e social pensado e aprimorado para este “todo”.

Nesse sentido, ao entendermos as transformações que ocorrem na biblioteca, em especial, ressaltamos a importância de Ranganathan, considerado o “Pai da Biblioteconomia”, por seus documentos produzidos que contribuíram para fomentar a Biblioteconomia contemporânea. À exemplo, “*Elements of library classification*” de 1945, “*Classification and international documentation*” de 1948 e “*Classification and communication*” de 1951, foram importantes obras do autor. Entretanto, destacamos “As cinco leis de Ranganathan”, sendo elas: “[...] (1) os livros são para usar; (2) a cada leitor seu livro; (3) a cada livro seu leitor; (4) poupe o tempo do leitor; (5) a biblioteca é um organismo em crescimento” (Souza; Targino, 2016, p. 12) que levam a compreensão dos dizeres da UNESCO e IFLA (2022) de que a autonomia e desenvolvimento da democracia estão diretamente ligados à educação de qualidade, acesso à informação, conhecimento, pensamento e cultura, e portanto às bibliotecas, que corroboram para o exercício da cidadania.

Ao colocar cinco leis comuns para as bibliotecas, o autor propõe um tratamento especializado que vigore em todas as bibliotecas do mundo, perpetuando amplamente o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento da biblioteca, além de incentivar a leitura como sendo uma importante fonte de cultura e informação. Ranganathan acolhe a concepção de “leitor” de maneira universalizada, especificando que cada livro serve ao seu leitor e cada leitor à seu livro, ou seja, distingue os tipos de usuários e os tipos de recursos informacionais e conhecimentos. Trazendo estas leis para a atualidade, onde estão consolidadas a tecnologia, o estudo pragmático da informação na área de Ciência da Informação e a busca pelo conhecimento a partir de diversos recursos informacionais, podemos investigar que cada informação - seja ela qual for, no formato, meio, ou objetivo - também possui seu receptor e conseqüentemente este leitor/receptor deve estar intrinsecamente conectado às informações que fazem mais sentido à sua necessidade e contexto sociocultural e político.

Logo, alinhada a essa perspectiva e segundo a UNESCO e IFLA (2022)

Os serviços da biblioteca pública são prestados com base na igualdade de acesso para todos, independentemente de idade, etnia, sexo, religião, nacionalidade, idioma, condição social e qualquer outra característica. Serviços e materiais específicos devem ser fornecidos para aqueles

usuários que não podem, por qualquer motivo, usar os serviços e materiais regulares, por exemplo, minorias linguísticas, pessoas com deficiência, com baixa proficiência em habilidades digitais ou de informática, com baixa escolaridade, pessoas hospitalizadas ou privadas de liberdade. (Ulrike et al., 2022, p. 2).

Assim sendo, ao compreendermos esta afirmação trazida pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e UNESCO, fica explícito o caráter democrático com o qual a biblioteca pública deve se comprometer, não apenas o de fornecer serviços aos seus usuários, mas também de inseri-los num contexto de aprendizagem, socialização e participação plena num espaço que seja pensado para eles, construído a partir das necessidades deles e perpetuado por eles.

Nesse contexto, entende-se por biblioteca viva aquela que foge ao estigma de ser um local para guardar livros. Trata-se de um equipamento cultural que estimula a aprendizagem em moldes não tradicionais, que seja “confortável, inovador, dinâmico, proativo, lúdico e inclusivo” (FEBAB, 2017, p. 2). Nas bibliotecas vivas os suportes informacionais variam, assim como a linguagem de transmissão das informações e o as tecnologias de informação e comunicação (TIC 's) que são integradas como aliadas. Seu caráter social e humanista almeja a participação e o dinamismo ao serem oferecidos diferentes serviços que “promovam a inclusão e contribuam com a formação cidadã” (FEBAB, 2017, p. 2).

1.1 JUSTIFICATIVA

Em primeiro lugar é importante situarmos os motivos pelo qual o tema “bibliotecas vivas” foi escolhido. O interesse pelo tema parte do meu contato com o livro “Biblioteca viva: o que a biblioteca pode fazer pela sua comunidade” produzido pelo SP Leituras, que me gerou um dúvida quanto ao modelo “biblioteca viva” e sobre quais os impactos políticos as bibliotecas apresentadas no livro traziam aos seus leitores.

Num primeiro momento, já me interessava por bibliotecas disruptivas, que iam ao encontro de novas possibilidades de mediação da informação e de espaços mais plurais na biblioteca. Tal interesse vem de minha vivência em participar de um teatro no meu 8º ano do Ensino Fundamental, resultado da leitura conjunta da turma do

livro “A invenção de Hugo Cabret” de Brian Selznick. Esta visão de interpretação do livro para as mais diversas esferas me consolidou uma “rata de biblioteca” e me fincou a vontade de ser bibliotecária para então construir a biblioteca como eu quisesse, num sonho de menina.

Posteriormente, na adolescência, escolhi cursar Biblioteconomia na UFSCar e sempre me mantive inteirada sobre questões políticas, principalmente aquelas que atingiam diretamente as minorias sociais, local que ocupo por ser uma mulher parda, pobre e bissexual. Na adolescência, entrei num movimento social ao qual construí por 6 anos, e que me renderam participações em diversas movimentações políticas.

Além disso, estou tendo a experiência de estagiar em bibliotecas públicas do Sistema de Bibliotecas de São Carlos (SIBI). Na Biblioteca Pública Municipal Euclides da Cunha, onde estive por mais tempo, pude ter contato com projetos que me brilharam os olhos, e observei como as minorias utilizavam o espaço da biblioteca por diversos motivos. Logo me acendeu a vontade de me aprofundar na temática de bibliotecas vivas, e a partir de uma visita na Biblioteca Sinhá Junqueira, compreendi ela como um modelo de inspiração para outras bibliotecas. Uma biblioteca potente no seu fazer político e no seu compromisso com o povo.

Contudo, a pesquisa pretende demonstrar como um modelo não tradicional de biblioteca pode contribuir para a transformação social da vida dos indivíduos pertencentes às minorias e grupos vulneráveis, necessários de serem diferenciados por suas especificidades conceituais e factuais. “Tanto as minorias quanto os grupos vulneráveis, na prática, são vítimas de intolerância e sofrem discriminação.” (Freitas; Leheld; Neves, 2022, p. 103). Contudo, segundo a definição utilizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), escrita por Francesco Capotorti em 1977, trataremos as minorias enquanto

[...] um grupo numericamente inferior ao resto da população de um Estado, em posição não dominante cujos membros – sendo nacionais desse Estado – possuem características étnicas, religiosas ou linguísticas diferentes da do resto da população e demonstre, pelo menos de maneira implícita, um sentido de solidariedade, dirigido à preservação de sua cultura, de suas tradições, religião ou língua (Capotorti, 1977, p. 26 apud Freitas; Leheld; Neves, 2022, p. 101).

Acresce que Freitas, Leheld e Neves (2022, p. 102) ao parafrasearem Semprini (1999), adicionam que minorias precisam ser consideradas quanto às suas “vivências” e “culturas”, logo devem ser vistas excepcionalmente enquanto

indivíduos pertencentes à um grupo que possui dificuldades em terem seus direitos plenamente reconhecidos, valorizados e atendidos.

Enquanto que os “grupos vulneráveis” são descritos como uma parte expressiva da população externa ao poder, como “[...] mulheres, crianças, idosos, portadores de deficiência física, entre outros” (Séguin, 2002 apud Freitas; Lehfeld; Neves, 2022, p. 103) que muitas vezes não são conscientes de suas posições de vítimas pelas discriminação que sofrem e pelos seus direitos que são desrespeitados (Séguin, 2002, p. 12 apud Freitas; Lehfeld; Neves, 2022, p. 103).

Ademais, sobre os grupos vulneráveis, seu caráter foi muitas vezes defendido no âmbito jurídico, em especial atrelado aos Direitos Humanos devido às dificuldades dos sujeitos desses grupos em obterem “[...] acesso e a igualdade de participação a bens e serviços disponíveis e universais” (Cayres e Cidade, 2015, p. 172 apud Freitas; Lehfeld; Neves, p.103-104).

Deste modo, este trabalho trará conceituações base a respeito do protagonismo social promovido nas bibliotecas vivas, apresentando iniciativas que demonstram seu caráter de transformação social, no que tange às minorias e grupos vulneráveis e suas necessidades informacionais e culturais.

Nesse ínterim, é preciso que estejamos atentos às iniciativas que visam incentivar mudanças positivas nas bibliotecas e que corroboram para a disseminação de bibliotecas vivas. A saber, a SP Leituras, uma Organização Social de Cultura do Estado de São Paulo, que compõe também a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, vinculadas à Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura (UDBL), atua em defesa das bibliotecas vivas enquanto “[...] espaços de integração de pessoas e de acesso à informação e leitura” e equipamentos públicos canalizados para servirem como mediadores culturais para a comunidade. (Bibliotecas [...], 2018). Diante disso, a instituição promove o Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias (Seminário Biblioteca Viva) desde 2008, em prol da transformação das mais de 800 bibliotecas do estado de São Paulo em “centros de referência cultural” (Bibliotecas [...], 2018).

Em 2018, a Biblioteca Parque Villa Lobos, uma biblioteca viva modelo gerida pelo SP Leituras e mantida pela Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, ficou entre as cinco bibliotecas finalistas do Prêmio Biblioteca Pública do Ano realizado pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) ou seja, esteve entre as cinco melhores bibliotecas do mundo, recebeu Honra

ao Mérito no Prêmio IPL - Retratos da Leitura promovido pelo Instituto Pró-Livro (IPL) no mesmo ano e foi finalista do Prêmio Excelência Internacional da Feira do Livro de Londres em 2019 (A Biblioteca [...], c2024).

Logo, compreendendo a importância que este modelo de biblioteca, descrita pelo SP Leituras (2013, p.73) enquanto organização social devido aos laços e ao compromisso que faz com “[...] os setores educativos, culturais, econômicos e políticos do entorno da biblioteca [...]”, há um suposto papel de resistência e intervenção às opressões que o modelo biblioteca viva propicia aos seus sujeitos frequentadores, a partir das iniciativas consolidadas de bibliotecas vivas e de reflexões histórico-sociais e interdisciplinares, respaldados por um recorte dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e pela atuação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB) e manifestações da IFLA. A partir desta exploração, poderemos vislumbrar a efetividade deste modelo para com a defesa dos grupos vulneráveis socialmente.

Os sujeito informacionais que se enquadram dentro de grupos oprimidos, ou grupos marginalizados, trazidos no escopo do trabalho, serão contemplados em parte pela revisão bibliográfica de algumas das produções publicadas pelo Selo Nyota, um selo que tem como objetivo a disseminação de pesquisas científicas produzidas por cientistas incluídos nos grupos historicamente apagados deste contexto.

Ainda, a iniciativa conta com Bibliotecários (as) capacitados para lidarem com todo o processo editorial e de qualificação dos livros, abrangendo suas publicações para as áreas de Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Comunicação e Ciência da Informação. Por fim e não menos importante, o Selo Nyota “visa disseminar e visibilizar conhecimentos e pesquisas produzidas por mulheres, negros/as, indígenas e população LGBTQIA+ para toda a comunidade” (Silva F.; Romeiro, c2024).

Assim, através das leituras e reflexões previamente escolhidas pela sua intencionalidade, conseguiremos abordar especificidades de determinados grupos, tal como vislumbrar uma realidade histórica comum às vivências de todos eles. Afinal, trazer como sujeito seres sociais e suas mazelas faz parte do estudo de usuário que cada biblioteca e bibliotecário deve realizar em sua biblioteca. Isto é, ao investigarmos a influência de bibliotecas vivas na vida de indivíduos de grupos minoritários, queremos mais do que abordar um conhecimento técnico a respeito do

estudo de usuários. Se faz necessário, sim, suprir com suas demandas informacionais, porém, com maior intencionalidade, este caminho pode ser atingido por meio da “[...] identificação de caminhos de aproximação entre vidas, modos de ressignificar leituras de mundo, de (transformar) o estar nos espaços sociais e de pertencer a eles” (Santos R.; Souza, 2021, p. 91).

Em suma, defendemos a posição ativa das bibliotecárias(os) para com a promoção de bibliotecas vivas e pulsantes, e que estes vejam nas ações de mediação da informação, possibilidades de uma atuação consciente, que responda às necessidades informacionais dos sujeitos que mais carecem dela, tornando este sujeito, apropriador da informação que lhe é valiosa (Santos R.; Souza, 2021). O fazemos a partir da compreensão de que o profissional bibliotecário/a é o agente social responsável por determinar como o espaço em que trabalha se fará importante para seu público.

Portanto, se torna essencial um olhar que individualize o atendimento ao público alvo em questão, segmentando-o, e vislumbrando nos usuários capacidade suficiente para compreender quais suas necessidades informacionais (Pinto; Geraldo, 2021). Segundo Lessa e Gomes (2017, p. 35-36), a biblioteca pública quando uma força potente de transformação, propicia um espaço de “encontro e do diálogo”, possibilitando acesso a cultura diversa, produtos e serviços informacionais, gerando no seus usuários “o sentimento de pertença”, o que leva ao protagonismo social. Este sentimento de pertencimento pode ser visto como força motriz para indivíduos que enfrentam exclusão social se tornarem protagonistas de suas próprias vidas.

2 OBJETIVOS

O desenvolvimento deste trabalho depende do alcance de alguns objetivos de pesquisa que serão apresentados a seguir. Nesse contexto, o objetivo geral tem a função de nortear a pesquisa, enquanto que os objetivos específicos é composto por cinco pontos que auxiliam no alcance do objetivo geral.

2.1 GERAL

Nosso objetivo geral é apresentar e caracterizar a biblioteca viva, enquanto espaço de resistência e libertação para grupos vulneráveis, considerando experiências da Biblioteca Sinhá Junqueira, uma biblioteca viva referência no estado de São Paulo.

2.1 Específicos

Os objetivos específicos deste trabalho são:

1. Definir o que são as bibliotecas vivas e em qual contexto elas se tornam dispositivos transformadores para os sujeitos do problema de pesquisa, evidenciando iniciativas de bibliotecas vivas neste contexto;
2. Identificar quem compõe o quadro de vulnerabilidade social e informacional;
3. Situar onde as bibliotecas vivas prosperam diante objetivos específicos dos Objetivos Para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, que se relacionem com as demandas dos grupos oprimidos;
4. Levantar, a partir da bibliografia do Selo Nyota, estudos que vão ao encontro das transformações na Biblioteconomia, que tragam sensibilidade às narrativas plurais (gênero, étnicas, sociais, econômicas, geográficas e entre outras) dos usuários da biblioteca;
5. Desenvolver estudo de caso parcial junto a Biblioteca Sinhá Junqueira (BSJ) e das atividades que realiza junto a aos grupos vulneráveis, analisando tais ações no contexto dos Objetivos da Agenda 2030 e o Manifesto da Biblioteca Pública da IFLA-UNESCO/2022.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em questão possui caráter exploratório de abordagem qualitativa, que utilizou o método de revisão bibliográfica. Num primeiro momento, a pesquisa foi desenvolvida a partir do levantamento bibliográfico de materiais referente à bibliotecas vivas, a fim de investigar este modelo contemporâneo de biblioteca, tendo sido usadas as bases de dados, bibliotecas digitais e repositórios *Scielo*, *Web of Science*, Google Acadêmico, Banco Digital BDTD, além de materiais impressos como livros e apostilas. Esta pesquisa exigiu o mapeamento do estado da arte a partir destas bases para a compreensão da popularidade do assunto “bibliotecas vivas nos contextos de mediação informacional e populações vulneráveis”. Para isso elaboramos expressões de busca, aplicadas nas três bases citadas, com o as seguintes etapas:

1. Termos temáticos: ("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação"); ("Bibliotecas"); ("Biblioteca Viva*"); ("Opressão " OR "Oprimido " OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais"); ("Mediação"); ("Protagonismo social").
2. Termos vinculados à área de estudo: ("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação") AND ("Bibliotecas"); ("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação") AND ("Biblioteca Viva*"); ("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação") AND ("Opressão" OR "Oprimido" OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais"); ("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação") AND ("Protagonismo social");
3. Termos relacionados a “biblioteca viva”: ("Biblioteca Viva*") AND ("Opressão" OR "Oprimido" OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais"); ("Biblioteca Viva*") AND ("Mediação"); ("Biblioteca Viva*") AND ("Protagonismo social"); ("Biblioteca Viva*") AND ("Opressão" OR "Oprimido" OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais") AND ("Mediação") AND ("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação"); ("Biblioteca Viva*") AND ("Opressão" OR "Oprimido" OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais") AND ("Protagonismo social") AND ("Mediação") AND ("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação"); ("Biblioteca Viva*") AND ("Opressão" OR "Oprimido" OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais") AND ("Protagonismo social") AND ("Mediação") AND ("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação").

Essas expressões de busca passaram pelos filtros de temporalidade, com o recorte de 10 anos (2014 - 2024), analisados a partir do contexto brasileiro.

Posteriormente, foi empregada a pesquisa documental na análise de diversas fontes das mais variadas e dispersas (Gil, 2002, p.46) (artigos, teses, dissertações, cartilhas, vídeos, entre outros) a fim de construirmos o entendimento sobre os termos necessários para descrição dos fenômenos sociais do problema de pesquisa, tal como estudos pertinentes da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) que serviram para o desenvolvimento do objeto de estudo. Em primeiro lugar foi feita uma análise a respeito da luta contra as opressões, a importância da leitura e das bibliotecas, proposta por Freire (1981, 1987, 1989, 1992). Esta leitura da realidade se sustenta perante o atual modo de produção da vida material, e sua influência sob determinadas relações e fenômenos sociais a partir da dialética, construindo assim o que Marx e Engels colocam como materialismo histórico (Gil, 2008, p.22).

Ademais, foram referenciadas contribuições de Almeida Júnior (1997, 2017a, 2017b, 2020), Rabello (2020), que contemplam o campo científico da Biblioteconomia Social, como as colocações a respeito das transformações da biblioteconomia, profissionais bibliotecários e suas atuações, já que este trabalho representa uma pesquisa social, descrita por Gil (2008) como aquela que se utiliza do método científico para a geração de novos conhecimentos que envolvem realidade social. A realidade social, por sua vez, representa amplamente “[...] todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais” (Gil, 2008, p.26). O estudo dos escritos do Selo Nyota, nos possibilitaram a construção de um repertório aprofundado a respeito da realidade social, necessidades informacionais e outras variáveis específicas dos grupos vulneráveis perante a ótica da BCI. Gomes (2014, 2015, 2017, 2019, 2020) contribui também neste trabalho, ao que tange o entendimento e aprofundamento na temática de mediação da informação.

Nesse sentido, para compreendermos como as bibliotecas vivas ou experiências de bibliotecas vivas são definidas e modificam a realidade social, utilizamos os conceitos trazidos por Silva L. e Miguel (2012), SP Leituras e Secretaria de Cultura de SP (2013), Silva R., Jorente e Caldas (2016), Silva R. e Caldas (2017), FEBAB (2017), e Sousa J. (2020), para contextualizarmos o termo. Além disso, as instituições IFLA, FEBAB e UNESCO ganharam capítulos específicos onde foram levantadas medidas, manifestos e objetivos nos quais nos furtamos em

analisarmos e relacionarmos com a existência das bibliotecas vivas e sua função social. Consequentemente, a partir da apresentação das vivências de bibliotecas vivas, foi possível confrontarmos as terminologias protagonismo social, mediação da informação, vulnerabilidade social e bibliotecas vivas a fim de gerarmos resultados sobre o aporte teórico que estas elucidam.

Por fim, por meio de um estudo de caso parcial, investigamos a atuação da Biblioteca Sinhá Junqueira (BSJ) concebida enquanto uma biblioteca viva. Esta observação buscou levantar, a partir do site e redes sociais da biblioteca, as atividades realizadas que contribuíram e contribuem para a transformação social dos sujeitos, voltadas para um recorte de opressões de (incluir aqui depois de estar melhor estabelecido). Atribuímos a palavra parcial, baseado no método hipotético-dedutivo, entendido como o método que analisa os fenômenos baseados numa hipótese já existente, a partir de uma observação prévia do objeto de pesquisa (ÍDA Almeida, 2021). Isto é, no estudo de caso deste trabalho, atribuímos um problema de pesquisa a ser posteriormente confirmado pela elucidação dos temas que norteiam o objeto de pesquisa, e que assim trarão consistência sobre a relação hipótese - análise dos fenômenos que acontecem e que provam a hipótese levantada (Prodanov; Freitas, 2013 apud ÍDA Almeida, 2021, p. 19). Assim, em nosso estudo de caso, analisamos eventos por sua realização e potenciais impactos e não por seu resultado direcionado às pessoas que fizeram parte destes eventos, logo, achamos de suma importância adicionar o termo parcial.

Para este levantamento, buscamos primeiramente contextualizar a história e os serviços prestados pela biblioteca a partir de informações retiradas do site oficial no Instagram e Facebook as postagens de divulgação de ações e projetos que de alguma forma contribuíram para a vida dos grupos vulneráveis ou que fossem facilitadas por sujeitos pertencentes a estes grupos, logo, percorremos os perfis destas redes sociais de 2020 a 2023, considerando que 2020 foi o ano em que a biblioteca reinaugurou com o nome e concepção atuais. Após, foram escolhidos e selecionados eventos que julgamos estarem mais alinhados ao objetivo geral do trabalho. A ideia inicial era de seleção de fotos dos eventos ocorrendo, contudo, nas redes sociais da biblioteca encontramos poucas fotos neste sentido.

O estudo de caso é investigação de um ou mais objetivos, olhados a partir de um fenômeno dentro de um contexto da realidade que estabelece limites entre este

fenômeno e o contexto proposto, portanto foi necessário o levantamento das mais diversas fontes que evidenciam o fenômeno (Gil, 2008, p. 58).

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A partir da bibliografia levantada, pretende-se detalhar as experiências mais completas e outras em fase de desenvolvimento que aconteceram nos últimos anos e que carregam com si a essência de “biblioteca viva”, a fim de construirmos uma conceituação abrangente sobre este termo e sua importância para a sociedade. Não somente, através da interdisciplinaridade, busca-se evidenciar características sobre os grupos oprimidos, e assim formular uma reflexão materialista dialética a respeito das nuances destes enquanto usuários ou possíveis usuários da biblioteca. Por meio do estabelecimento e entendimento aprofundado, conforme o levantamento bibliográfico, será possível conectar diretamente a importância que um modelo não tradicional de biblioteca, este, a biblioteca viva, têm para a transformação positiva da vida de indivíduos pertencentes às minorias sociais.

4.1 PAULO FREIRE, OS OPRIMIDOS, A BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO.

Neste trabalho, ao propormos uma concepção não tradicional de biblioteca pública, o fazemos a partir de uma idealização de um espaço que seja de todos, para todos e construído por todos. São essas, provocações apoiadas em combate à ótica do sistema capitalista vigente, que propositalmente leva minorias sociais à margem da sociedade, seja através da desigualdade social, seja na falta de acessibilidade a serviços públicos que promovam o bem-estar social e a possibilidade de crescimento pessoal e profissional dessas. Sobretudo, este sistema perpetua sobre os oprimidos que “O seu conhecimento de si mesmos, como oprimidos, se encontra [...] prejudicado pela “imersão” em que se acham na realidade opressora” (Freire, 1981, p. 18).

Assim, sujeitos cuja raça, classe, gênero e sexualidades diferem do modelo colonial, cis - hétero- normativos e classistas estão sendo envolvidos e usufruindo do poder social da biblioteca, - seja ela pública, comunitária, escolar ou outra - como seres políticos que são?. A resposta não está direcionada para as bibliotecas, mas para um pensamento enraizado onde

A crença na incapacidade da população em participar da determinação de seu próprio destino, não passa de uma vã tentativa, por parte das classes dominantes, de respaldar ou mesmo justificar suas interferências e

manipulações sobre as classes populares, no afã incontido de consolidar seus domínios. Entretanto, o povo possui seus mecanismos de resistência e, mesmo que inconscientemente, deles faz uso para preservar sua identidade* (embora seja este um campo por demais escorregadio), sua expressão, seus valores, seu imaginário, enfim, sua cultura (Almeida Júnior, 1997, p.17).

Nas palavras de Freire (1987), há uma explícita luta de classe que perdura e infere consequências, pois ela implica na classe que oprime agindo sobre a existência dos que são oprimidos, se beneficiando do resultado da opressão. Logo, o autor defende irrestritamente que os oprimidos precisam construir sua luta pela libertação, aliados aqueles que vislumbram esta libertação. Os oprimidos, ao ganharem “consciência crítica” de suas vivências podem buscar por modificá-la. (Freire, 1987). Paralelamente, é coerente colocarmos que o profissional bibliotecário, enquanto um agente de transformação, potencializa a consciência crítica de seus usuários ao facilitar

[...] a exposição a novas informações, conhecimentos e experiências permite aos sujeitos o estímulo à criatividade, reflexão, análise, interpelação e discussão do contexto como ações que podem gerar mudanças do pensamento a partir da interação com o outro (Lopez Caldera, 2021, p. 58).

Não é prudente e correto, portanto, atribuir aos oprimidos a culpa pelo estado em que se encontram. A realidade em que se assenta o pensamento colonizador, racista, misógino, LGBTfobia, capacitista, entre outros, se consolida pois é um “[...] quase mecanismo de absorção dos que nela se encontram, funciona como uma força de imersão das consciências” (Freire, 1987, p. 21).

Decorrente desta colocação de Freire (1987), a realidade está subordinada às forças produtivas, ao capital privado e à noção de trabalho que dirá quem terá e quem não terá, ou terá de forma precária e indigna. Em outras palavras “[...] para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para eles, é ter e ter como classe que têm” (Freire, 1987, p. 25). O ter menos para os sujeitos que frequentam a biblioteca, é portanto, o não ter acesso aos serviços da biblioteca por conta da opressão que sofrem.

Logo, ao defendermos um modelo de biblioteca que indague as forças opressoras do Estado, trazemos a perspectiva de fugir aos modos de existir que não contribuem para uma transformação positiva da sociedade e dos sujeitos. Almeida

Júnior (2017a) exemplifica que esta relação de poder coloca que a Biblioteca Pública, ao tratar apenas a reunião e organização de recursos textuais como informação a partir da autonomia das classes dominantes em o fazerem, demarca determinadas “normas e valores”. Em outras palavras, a reprodução da luta de classes é perpetuada quando não há intervenção do bibliotecário, fazendo com que a Biblioteca Pública assuma “o papel de aparelho ideológico do Estado” (Almeida Júnior, 2017a).

Sob o mesmo ponto de vista, a neutralidade ideológica é questionada por Freire (1992, p. 15), ao situar que no ambiente educacional, os indivíduos já possuem seus saberes, “visões de mundo” e são seres naturalmente políticos. Afirmar ou desejar a neutralidade da educação é transformá-la em um aparato vazio de sentido a respeito do seu caráter político. Os sujeitos absorvidos pela educação, com visões de mundo das mais diversas, não permitem a possibilidade da ideia de neutralidade enquanto um ponto de partida que baseie os fundamentos educacionais trabalhados pelos educadores. É o que traduz Gomes, (2014, p. 13, grifo do autor) ao conceituar a **dimensão estética** da mediação da informação, como a que permite a construção de um espaço “[...] de acolhimento e de conforto emocional para que todos possam sentir-se livres para pensar, interpelar, questionar e exercer a crítica no encontro com a informação”.

Em vista do que foi exposto, o papel da biblioteca, segundo Freire (1989), se faz longe do ideal da imparcialidade e da neutralidade. Em “A importância do ato de ler”, o autor relaciona dialeticamente os caminhos da educação em consonância com a biblioteca. Nas suas palavras, “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca” (Freire, 1989, p. 15).

Tal compreensão perpassa pelo que é visto, absorvido e contextualizado socialmente. De acordo com Freire (1989, p. 9) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” e portanto, o mediador da informação (bibliotecário) deve se forjar de variadas formas de linguagens e dispositivos a fim de fortalecer um “repertório informacional” diverso, que desague na entrega de serviços e produtos cujo conteúdo foque na promoção do “diálogo e do debate” (Gomes, 2014, p. 13).

Ao levantarmos o papel educacional que a biblioteca cumpre, é necessário situarmos a relação intrínseca entre ambas as instituições, de modo a nos preocuparmos com a interação destas tal qual seus limites. Sobretudo, a interdependência da Biblioteca e da Educação existe na medida em que estas se complementam para uma boa prática das ações que são realizadas (Reis, 2014).

Consiste nesse ínterim em uma prática bibliotecária-educara, pois, conforme relaciona Reis (2014, p. 52), essa interação resulta no

[...] acesso à informação e à pesquisa propiciada pela biblioteca - se traduziria, em termos concretos na formação dos sujeitos, em possibilidades de independência intelectual, na capacidade de discernimento e na crítica em relação à realidade, elementos que seguramente deverão permitir uma atuação cidadã no contexto da realidade nacional.

Contudo, é importante frisarmos que essa relação não se dá de forma simples. Reis (2014, p. 55) reflete pelo olhar da ótica freiriana, que para o bibliotecário se tornar um educador, é necessário um comprometimento não-passivo junto do “conhecimento da realidade”. Envolve, portanto, a prática aliada à reflexão, tornando fundamental que seja feita uma escolha política por parte do bibliotecário. Não apenas, o bibliotecário é reconhecido como educador na medida em que ambos - bibliotecário e educador - trabalham com “a dimensão informacional, estando os mesmos realizando, de forma similar, às funções educativas, marcadas, porém, pelas especificidades e singularidades de cada campo profissional” (Reis, 2014, p.55).

Então, estes apontamentos nos levam a compreensão de que o bibliotecário-educador não nasce da vontade, do contexto ou da passividade. Sua contribuição para com a organização do conhecimento e disseminação da informação se torna ainda mais valiosa e se expande, pois como coloca Reis (2014), a construção do conhecimento efetiva é a resultante de sua função. Portanto, um bibliotecário se forja educador quando faz uma escolha política que o tornará responsável por desenvolver suas competências de maneira constante, se pondo enquanto um agente da transformação social.

Isto é, a aproximação de bibliotecários e educadores se dá na medida em que

[...] ao disponibilizarem história-memória, viabilizam a leitura das diferentes visões da realidade, fazendo emergir as potencialidades de questionar e propor mudanças no contexto histórico-social. Nestes termos e de forma concreta os papéis de bibliotecário e de educador não se antagonizam, uma

vez que cada qual, no exercício de suas funções, tem como fundamento a dimensão informacional e em termos intrínsecos atuam como agentes no processo de construção do conhecimento (Reis, 2014, p. 56).

Isto nos direciona a retornarmos para os ensinamentos de Paulo Freire a respeito da lógica de um aprendizado horizontalizado, contudo, aplicado à vivência das bibliotecas e bibliotecários quanto ao papel para/com práticas educativas. Se na relação educador-educando permeada na educação problematizadora proposta por Freire (1987, p. 39)

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

Logo, no espectro da biblioteca, o bibliotecário se atém a um compromisso de fornecer aos usuários serviços direcionados à socialização da informação que beneficiem sua leitura de mundo a respeito de seus direitos de cidadania e acesso à leitura, enquanto que no âmbito da educação, garante a promoção de alfabetização, projeta conhecimentos culturais de tal modo que seus sujeitos se emancipem e possam se perceberem no mundo enquanto sujeitos e cidadãos críticos de suas ações (Reis, 2014).

Naturalmente, estas práticas permeiam a função de mediador da informação necessária aos bibliotecários que querem agir em consonância com as mudanças sociais. Gomes (2020, p.13) ao parafrasear Freire (2008, 1987) ressalta a importância da mediação enquanto um processo que visa potencializar a “construção do protagonismo social”. Isso porque a mediação é uma ação que permite ao ser humano se transformar em sujeito social por meio da elevação da consciência do sujeito.

Em vista do que foi exposto, é pertinente contextualizarmos a mediação da informação enquanto uma prática defendida por Gomes (2017, 2019), ao abordar o termo conforme seu caráter potencializador do processo de construção do protagonismo social. A autora reflete que a mediação consiste em uma ação por meio da qual o ser humano pode se transformar em sujeito social, logo, o

protagonismo social, esta “postura” gerada pela mediação da informação implica mudanças de todas dimensões da vida do sujeito.

4.2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E PROTAGONISMO SOCIAL

A princípio, nos ateremos ao desafio de conceituar o termo “informação” a partir de colocações de autores da área, onde poderemos, mais a frente, explicitar seu papel na ação transformadora de bibliotecas vivas. Esta tarefa não é fácil, já que na Biblioteconomia e Ciência da Informação, muitas são as concepções sobre a concepção de informação.

Portanto, o levantamento de alguns conceitos que carregam consigo a perspectiva social servirão para identificarmos posteriormente o processo da mediação da informação para o protagonismo social, a partir da pergunta: que tipo(s), formatos e/ou eventos que considerem as necessidades informacionais do sujeito vulneráveis e qual o papel da biblioteca viva neste processo?. Responderemos esta pergunta a partir das ponderações e construção de hipótese a respeito do caráter de transformação social resultante da mediação da informação, envolto nas atividades e experiências do modelo de biblioteca viva.

Contudo, não nos estenderemos em analisar o objeto “informação” em exaustão, pois, segundo Silva J. e Gomes (2015, p. 146)

Os conceitos de informação na CI revelam uma diversidade perceptiva em virtude das associações científico-contextualistas dos estudiosos, sendo alguns de cunho mais epistemológico (conceituam a informação a partir dos fundamentos da teoria do conhecimento científico), técnico (ligado às atividades pragmáticas da CI) ou humanos/sociais (vinculados à atividade de práticas humanas da informação no âmbito dos usuários da informação) e possivelmente associados aos três contextos, visando compreender uma engrenagem generalista do conceito de informação na CI.

Acresce que a relação de correlação da informação não pode ser colocada como uma “atividade inferior”. Por conceito relacional Gomes e Silva J. (2015) querem explicitar que o conceito de informação não pode ser compreendido sozinho, estando intrinsecamente ligado a outros conceitos numa relação de interdependência. Contrariando esta visão, a correlação da informação deve ser apreciada pelas suas transformações e entendimentos semânticos diversos já que estes “[...] se amparam em relações terminológicas, assim como nas relações e

diferenças epistemológicas entre as diversas áreas do conhecimento que abordam a informação e a consolidam como terminologia e conceito pluridisciplinar” (Silva J.; Gomes, 2015, p. 148).

Segundo Barreto (1994), fruto de seus estudos epistemológicos em informação, ela é conceituada como aquela que auxilia o homem a encontrar seu lugar no mundo ao fornecer conhecimento sobre o universo e sobre si mesmo, permitindo sua compreensão sobre seu papel na sociedade e na história. Logo, durante a sua existência, a informação atua na competência em elaborar o insumo recebido, gerando o conhecimento. Nesta concepção, a informação é o que conecta o mundo, tal como as partículas, ela faz parte do princípio ao fim da história do homem (Barreto, 1994).

Não apenas, a informação pode ser entendida como um conjunto de dados organizados de forma significativa, que possuem um propósito e que são capazes de gerar conhecimento. Em suma, neste conceito a informação é tida como essencial para o desenvolvimento humano, pois permite que o indivíduo compreenda o mundo ao seu redor e tome decisões informadas, e que goze individual e coletivamente dos benefícios que as informações propiciam ao seu desenvolvimento e da sociedade (Barreto, 1994).

Para Silva J. e Gomes (2015), a informação é apresentada num contexto semântico geral construído a partir do entendimento do que não é informação e análise sistêmica de conceitos de informação de diversos autores. A saber, Buckland (1991, tradução nossa) dirá que a informação é entendida com processo, um conhecimento ou uma coisa. Como processo, a informação, comunica ou notícia como ato de informar alguém sobre algo, já como conhecimento se relaciona também à comunicação, porém no ato de noticiar, mas transmitindo fatos particulares, assuntos ou eventos e como coisa se trata de objetivos informativos físicos ou não e documentos dotados da essência de serem informativos sobre um conhecimento (Buckland, 1991, tradução nossa).

Wersig (1993 apud Silva J; Gomes, 2015, p. 147) por outro lado, sintetiza informação como “conhecimento em ação”. Correlacionando sua conceituação com a de Wersig, mas tecendo camadas sobre suas dimensões, Gónzález de Gómez (2000, p. 4) coloca informação enquanto objeto cultural onde se articulam os mais diferentes fatores, como os de

“[...] linguagem, com seus níveis sintáticos, semânticos e pragmáticos e suas plurais formas de expressão (sonoras, imagéticas, textuais, digitais/analógicas-;) [...] os sistemas sociais de inscrição de significados – a imprensa e o papel, os meios audiovisuais, o *software* e o *hardware*, as infra-estruturas das redes de comunicação remota; os sujeitos e organizações que geram e usam informações em suas práticas e interações comunicativas.

Estes fatores articulados aplicados a ações realizadas no plano concreto singularizam o valor da informação na sua ação constituída, ou seja, “uma ação de informação” que condiciona a aceitação e o que será entendido como informação. Logo os fatores isolados não constituem informações completas, mas quando atribuídos a uma ação, são por fim informações (González de Gómez, 2000, p. 4).

Ora esmiuçados alguns conceitos a respeito da informação relevantes para adentrarmos mediação da informação, podemos resumir e concatenar os conceitos trazidos e afirmarmos que **informação é inerente ao homem e é de importância indissociável para a construção e conhecimento de sua história e seu papel social no mundo**, sendo um insumo para a geração de conhecimento, podendo também ser um processo, conhecimento (em ação ou para o desenvolvimento social) ou uma coisa. Também, a informação é essencialmente constituída em várias linguagens, por processos dos mais diversos e vislumbrada enquanto objeto cultural e de desenvolvimento humano e social a partir dos benefícios obtidos pelos homens, sejam estes benefícios individuais ou coletivizados.

Com o fim primário de servir como ponte entre a informação e o sujeito, a mediação da informação é “[...] um processo que se dá na inter-relação de elementos técnicos, humanos, ambientais e semiológicos” que articulados promovem multiplicação ou/e socialização do conhecimento (Gomes, 2019, p.16) e na biblioteconomia se estende para inúmeras, senão todas as funções bibliotecárias, tal como o “serviço de referência, atividades culturais, contação de histórias, e, inclusive no processamento técnico, ou seja, classificação e catalogação, que fazem parte da organização do conhecimento” (Almeida Júnior; Neto, 2014, p. 99).

Esta mediação necessita de um bibliotecário mediador que fará a interferência na relação com o sujeito informacional, devendo

Considerar como sujeito informacional o indivíduo antes visto apenas como usuário da informação, faz-se imprescindível ao estudo social da informação, pois consiste em duas importantes perspectivas: (a) considerar que o uso da informação só se dá por meio da aplicação, por parte dos sujeitos, de significados construídos coletivamente e (b) entender que os significados ou referências sociais construídas coletivamente pelos sujeitos

ocorrem somente por meio das ações sociais (Araujo, 2013 apud Cruz, Araujo, 2020, p.7).

Assim, a mediação da informação em vínculo com os sujeitos informacionais que dela se beneficiam pode ser compreendida enquanto “[...] um processo que se dá na interrelação de elementos técnicos, humanos, ambientais e semiológicos” que quando articulados permitem tanto a produção quanto a disseminação do conhecimento (Gomes, 2019, p. 16). Já Reis (2014, p. 52) defende que o bibliotecário no exercício da função deve se entender como “ator privilegiado na interação entre o usuário e o conhecimento”, logo deve negar uma atuação mecânica, ou somente se entender enquanto “meio”, mas como profissional que motiva as “potencialidades” existentes nas interações com o público, visando também construir e incentivar consciência crítica da realidade para este público.

Isto é, a prática de mediação informacional há de ser constantemente refletida quanto ao contexto onde ela ocorre, portanto, ser aliada ao protagonismo do bibliotecário, pois o protagonismo

[...] implica uma dimensão existencial inextricável. Significa resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afeta a todos. Significa tomada de posição dianteira face a obstáculos que ameaçam a espécie (causados por pessoas, animais, circunstâncias, sentimentos, ideias, preconceitos etc.). (Perroti, 2017, p.15 apud Gomes, 2019, p.12)

Este ponto de vista coloca a mediação da informação para grupos vulneráveis e minorias nas “[...] dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política...” (Gomes, 2020, p. 2) diante um “processo de problematização” que permite entendimento desta informação e despertar da consciência dos sujeitos que se deparam com a ação da mediação. Naturalmente e neste íterim, a tomada de consciência ou o exercício de assimilação da informação advindo da mediação da informação levam o sujeito ao “exercício da crítica” e conseqüentemente ao entendimento empírico. Esse movimento prepara o sujeito a se aprofundar e visualizar vazios nos conhecimentos tradicionais e “instituídos”, levando-o à compressão de inúmeros “fenômenos” sociais e comuns que podem dizer respeito a sua própria realidade sociocultural (Gomes, 2014, 2019, 2022).

Então, de acordo com estas colocações podemos corroborar com a ideia de que “A mediação não é passiva, ela provoca, porque interfere” (Lessa; Gomes, 2017, p. 35), mas não se trata de uma interferência baseada na manipulação ou imposição mas sim no incentivo à reflexão sobre as diferenças, na construção do pensamento crítico questionador do sujeito que por si só poderá afirmar ou negar o que chega até ele (Lessa; Gomes, 2017). Contudo esta mediação se volta ao seu fim possível ao qual nos debruçamos.

O protagonismo social em sua essência implica resistência contra desigualdades que promovem opressões sistêmicas como o racismo, o machismo, capacitismo, LGBTfobia, preconceito contra pessoas imigrantes, analfabetas, pobres, entre outras características que diferem os sujeitos minoritários e de grupos vulneráveis da população homogênea.

Tal resistência ocorre em detrimento de uma ação mediadora que por consequência representa a dimensão política desta (Gomes, 2019, p. 11). Daí, que para existir o protagonismo exige “tomada de posição”, logo enquanto “sujeito social ativo”, o protagonista assume posições de liderança, se põe a frente e em defesa de ataques ao coletivo que representa, conforma debates, se ergue em situações que cabem aos outros. Ou seja, o protagonismo se faz presente e está ali não por si, mas pelo coletivo, pelo todo (Gomes, 2019, p. 13).

De acordo com a autora, para a efetividade do protagonismo social se torna necessário o fazer do trabalho informacional, pois este faz parte do processo e delimita seu avanço. Nesta lógica, conhecimento absorvido é autoconhecimento que prepara os sujeitos para se posicionarem frente às barreiras da opressão, e assim o “[...] lócus da informação que expressa o conhecimento, torna-se evidenciado” (Gomes, 2014). Em complementaridade, Santos B. e Lubisco (2019), ao discorrerem sobre o papel social da informação no livro “Bibliotecári@s Negr@s: informação, educação, empoderamento e mediações” evidenciam que

Desse modo, pode-se inferir que a informação, com seu caráter social, tem o papel importante na vida dos indivíduos, como o de reduzir suas incertezas e harmonizar as suas relações sociais. A falta de acesso à informação pode fazer com que os indivíduos ou grupo de indivíduos não conquistem seus direitos e nem exerçam sua plena cidadania. A informação, assim, deve ser vista com a mesma preocupação com que se vislumbra a educação, a saúde, a moradia e qualquer outro bem social de direito coletivo (Santos B.; Lubisco, 2019, p. 369).

Conseqüentemente, a mediação interfere na vida do sujeito quando atinge seu entendimento sobre o coletivo, o instigando ação a lidar com outros sujeitos que constituem a comunidade e portanto modificam as relações sociais (Lessa; Gomes, 2017). Neste bojo, Lessa e Gomes (2017, p. 36) discorrem sobre a mediação sociocultural enquanto processo comunicacional e de alteração das realidades e relações sociais a partir da pontuação de que

Os contextos culturais e sociais podem interferir no processo de comunicação, quando observados apenas como variáveis no processo de mediação, pois tanto favorecem aqueles em que esses contextos representam similaridade, quanto impedir que haja compreensão de um determinado assunto por um grupo que não está inserido num determinado ambiente social. Entretanto, essas reflexões só começam a ter valor ao se reconhecer a existência do Outro e quando há quem o possa compreender.

Haja vista a mediação sociocultural, daremos destaque a mediação de ações culturais - conscientes e intencionais - enquanto serviços prestados e promovidos pelos usuários da biblioteca que transformam a vida dos sujeitos, exatamente por não serem estes, serviços tradicionais e compreendidos como inerentes a biblioteca, como exemplo, o empréstimo de livros. Almeida Júnior (2017b) provoca a todos os profissionais da BCI ao discordar da compreensão de ação cultural apenas quando convém utilizá-la como “trampolim” para o empréstimo de livros, tornando o objetivo da biblioteca apenas o de ser o local da informação registrada. O autor apresenta as definições de Coelho (1997) sobre o assunto, onde **ação cultural de serviços e ação cultural de criação se diferenciam**. Assim

A **ação cultural de serviços** é, antes, uma forma de animação cultural que lança mão das diferentes modalidades de relações públicas, de propaganda ou de publicidade, com o objetivo de vender tal livro, tal espetáculo de teatro, etc., ou de aproximar desses produtos um público (ou clientela) pouco receptivo, por motivos econômicos ou outros.

A **ação cultural de criação, ou ação cultural propriamente dita**, propõe-se, diversamente, a fazer a ponte entre as pessoas e a obra de cultura ou arte para que, dessa obra, possam as pessoas retirar aquilo que lhes permitirá participar do universo cultural como um todo e aproximarem-se umas das outras por meio da invenção de objetivos comuns (Coelho, 1997, p. 32, grifo nosso)

Ambas adentram a definição, também de Coelho (1997, p. 31), de que ação cultural é um “Conjunto de procedimentos, envolvendo recursos humanos e materiais, que visam pôr em prática os objetivos de uma determinada política

cultural” e se diferenciam da ação comunicativa ou ação sociocultural, que por sua vez têm um apelo aos grupos sociais quanto a sua compreensão, envolvendo diversas identidades, incluindo a formação destas identidades no ambiente de socialização e integração social (Coelho, 1997, p. 30).

Diante do exposto, elucidado um cenário social de atuação desafiador do profissional bibliotecário em ser um mediador da informação voltado para o protagonismo social, partimos para uma reflexão que vislumbre a práxis. Sobretudo, o exercício da práxis enquanto a “atividade ou situação concreta que se opõe à teórica; prática”, (Ribeiro, [S.d]) exige ouvidos e olhares atentos para o fazer coletivo dos indivíduos que pertencem às minorias e grupos vulneráveis, afinal

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida (Freire, 1987, p. 17).

Em contraste, Santos R. e Sousa A. (2021, p. 81) elaboram sobre o estudo de usuários e nas bibliotecas, museus e arquivos, pontuando que quanto aos usuários, estes devem ser entendidos enquanto sujeitos sociais pois são os atores principais de suas histórias. Carecem então dos “dispositivos informacionais” que permitam o desenvolvimento dessas histórias, pinceladas com ancestralidade, pois os usuários são por si só representantes de sua bagagem sociocultural e geográfica, logo devem ter essa bagagem respeitada no processo de mediação da informação (Santos R. e Sousa A., 2021).

Indubitavelmente, o mediador da informação necessitará partir para a compreensão crítica de seus usuários, na expectativa de que

Quando [...] agem conscientemente, visando à aproximação entre usuários e dispositivos informacionais, propiciam as condições para que os sujeitos reflitam acerca de seus referenciais ideológicos, identitários e memorialísticos, assim como no dispositivo informacional, elementos que redimensionam e ampliam seus repertórios informacionais (Santos R., Sousa A., 2021, p. 82).

Em decorrência da compreensão dos usuários e dos símbolos que dizem respeito à suas características identitárias, temos que o mediador da informação “[...] carrega consigo a responsabilidade social de ver nos sujeitos uma possibilidade de “mudar o mundo” e é por meio dessa crença que poderão transformar a si e ao outro” (Santos R., Sousa A., 2021, p. 83). Ainda, as autoras ponderam ser cabível que os mediadores da informação “[...] façam um estudo profundo que respalde suas atuações, visando analisar seu contexto, o perfil dos(as) usuários(as) e a realidade e as necessidades desses sujeitos, entre outras questões que podem ser refletidas” (Santos R., Sousa A., 2021, p. 83).

Logo, para uma biblioteca viva existir são necessárias aplicações práticas de concepções que abarquem suas especificidades, e um aprofundamento no estudo de seus usuários - sejam ativos ou não ativos quanto ao uso da biblioteca - exigindo também a consciência crítica por parte do mediador da informação.

Diante deste pressuposto, é de fundamental importância considerarmos que para atingirmos a prática do protagonismo social, este se faz a partir das indagações do sujeito - neste caso o sujeito almejado como usuário da biblioteca e o próprio mediador da informação. Segundo Freire, quando crianças, o “por quê” é uma indagação comum da realidade do ser (Freire, 1981 apud Santos R.; Sousa A., 2021). Este comportamento diz respeito à existência ativa no mundo para toda a vida, criando no sujeito o despertar questionador e problematizador, que deve ser aproveitado pelo mediador da informação. No questionamento, surgem dúvidas, e são nessas lacunas que a mediação da informação se faz presente, como meio de apontar a importância de buscá-la (Santos R.; Sousa A., 2021).

Ainda, num contexto onde novas configurações de bibliotecas são propostas, o protagonismo social se faz por uma constância do ato de questionar, refletir, para então agir para a mudança, conforme situa Freire (1987, p. 29)

Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática.

Com efeito, as contribuições acima asseguram a necessidade de centralidade de atuação dos profissionais bibliotecários como mediadores da prática reflexiva e não mais seguindo a lógica dominadora que hierarquiza o conhecimento, sem ao

menos considerar que este não é “[...] um dado aí, algo imobilizado, concluído, terminado, a ser transferido por quem o adquiriu a quem ainda não o possui” (Freire, 1989, p. 17).

Logo, **a biblioteca viva se constrói na capacidade do povo**, dono de si, em ocupar os seus espaços por direito, o fazendo com a perspectiva de avanço social, da busca por conhecimento, por educação, fim das desigualdades e democracia. A partir do estudo das reflexões, compreendemos que só é possível construir a biblioteca viva a partir de um processo que não subjuguie a capacidade reflexiva do povo oprimido historicamente, mas sim pela leitura da identidade e necessidades deste. Assim, a biblioteca tem o poder de mudar potencialmente a realidade dos sujeitos, no caso das minorias e grupos vulneráveis mas também de todos os sujeitos

Por fim, não se trata de um ato simplista, pois segundo Freire (1989, p. 19) a transformação social é um processo que demanda de elementos complexos para se constituir, em outras palavras

Se antes a transformação social era entendida de forma simplista, fazendo-se com a mudança, primeiro das consciências, como se fosse a consciência, de fato, a transformadora do real, agora a transformação social é percebida como processo histórico em que subjetividade e objetividade se prendem dialeticamente. Já não há como absolutizar nem uma nem outra.

Por fim, a biblioteca viva e os profissionais que nela atuam, visando reduzir as desigualdades e tornar sujeitos oprimidos empoderados, podem optar por se apoiarem sobre o pensamento de que “Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se ‘inserirem’ nela criticamente” (Freire, 1987, p. 22), a fim de estarem atentas e preparadas para atuarem tanto para estimularem o pensamento crítico, quanto para abraçarem e adotarem práticas que envolvam participação coletiva plena na sua naturalidade, e que fujam ao institucionalismo que perpetua a opressão sobre os indivíduos.

Em outras palavras, Silva, Jorente e Caldas (2017, p. 277) dirão que a construção da biblioteca viva demanda a inclusão social da comunidade que atende. Almeida Júnior (2020, p. 21) trará uma importante provocação que subsidia um debate à classe de profissionais da BCI.

[...] o desafio de formação do profissional da informação, diante do limite do conceito de usuário de informação, soma-se àquele de atuação junto ao não-público. Para enfrentar tais desafios, os sujeitos membros da classe média – nos âmbitos da pesquisa, do ensino, da aprendizagem e da atuação profissional – necessitam se desnudar de preconceitos, apesar das dificuldades inerentes aos seus posicionamentos ideológicos. Necessitam, ainda, estarem abertos para falar a língua do não-público. O acolhimento e o reconhecimento daqueles até então desconsiderados e invisibilizados socialmente desloca ou modifica a dimensão conservadora, elitista e/ou excludente presente nas áreas de biblioteconomia e ciência da informação.

Assim, o bibliotecário necessita estar disposto a se aprofundar em quais são as questões dos sujeitos que influenciam no acesso e uso das informações e qual este “não-público”, para que possa agir positivamente na adequação da biblioteca em que atua enquanto espaço dos sujeitos, sejam estes quais forem e quais especificidades possuírem.

4.2.1 Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022

O Manifesto da Biblioteca Pública da IFLA e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), publicado em 2022, é um instrumento de extrema importância na defesa da biblioteca pública, de qualidade, democrática e que atenda às necessidades de todas e todos os cidadãos. Sobretudo, este documento levanta importantes ponderações a respeito da inovação, acessibilidade e funcionamento com o qual as bibliotecas atuais devem estar atentas para garantirem qualidade na implementação em suas bibliotecas. Tal como premissas básicas que defendem a prestação de serviços da biblioteca para grupos marginalizados e vulneráveis socialmente. Porém, no que cabe a defesa destes grupos, iremos discutir seus limites e seus acertos para a promoção de uma biblioteca viva, atuante, e de qualidade.

Estas premissas de atuação estão especificadas, demonstrando a importância de tratar e apresentar o respeito à pluralidade de usuários da biblioteca, juntamente com outros princípios de atuação das e dos bibliotecários quanto aos serviços oferecidos, a saber

Os serviços da biblioteca pública são prestados com base na igualdade de acesso para todos, independentemente de idade, etnia, sexo, religião, nacionalidade, idioma, condição social e qualquer outra característica. Serviços e materiais específicos devem ser fornecidos para aqueles usuários que não podem, por qualquer motivo, usar os serviços e materiais

regulares, por exemplo, minorias linguísticas, pessoas com deficiência, com baixa proficiência em habilidades digitais ou de informática, com baixa escolaridade, pessoas hospitalizadas ou privadas de liberdade (UNESCO; IFLA, 2022, p. 2).

No que cabe a nós pontuarmos, UNESCO e IFLA aparentam compreender a acessibilidade às bibliotecas para grupos minoritários e vulneráveis, se preocupando em exemplificar e dar sugestões de adaptações para o melhor aproveitamento da biblioteca por parte de usuários que não podem estar fisicamente no espaço da biblioteca, por exemplo. Ainda, as organizações apresentam o papel político da biblioteca pública, ao colocarem no início do manifesto os termos “democracia” e “participação construtiva” como dependentes da “[...] educação de qualidade e do acesso livre e ilimitado ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação” (UNESCO; IFLA, 2022, p.1).

Sendo assim, os fatores que tornam a biblioteca um espaço democrático, acessível e de aprendizado não estão dados e não são imutáveis. Para se tornar este espaço a biblioteca carece da participação ativa dos órgãos governamentais, bibliotecários, todas e todos potenciais usuários da biblioteca e outras partes interessadas que assim possibilitarão uma construção coletiva da biblioteca. Isto é, sem a atuação protagonista dos bibliotecários e o compromisso com o manifesto, não são os sujeitos nem as partes interessadas que desenvolvem sozinhos os serviços e atividades que almejam o manifesto, mas estes são também responsáveis em menor ou maior grau no alcance deste objetivo.

Em vista disso, UNESCO e IFLA (2022, p. 1) busca nos convencer através do manifesto de que

A biblioteca pública, porta de acesso local ao conhecimento, fornece as condições básicas para a aprendizagem ao longo da vida, a tomada de decisão independente e o desenvolvimento cultural de indivíduos e grupos sociais. Ela sustenta sociedades saudáveis baseadas em conhecimento fornecendo acesso e permitindo geração e compartilhamento de conhecimento de todos os tipos, incluindo conhecimento científico e regional sem barreiras comerciais, tecnológicas ou legais.

Contudo, esta não tem sido a realidade na grande parte das bibliotecas públicas brasileiras. Sobre isso, no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), o Grupo de Trabalho Biblioteca Públicas da FEBAB, lançou o “Manifesto em defesa das Bibliotecas Públicas no Brasil” em 2019 que faz menção ao “Manifesto Da IFLA/UNESCO Sobre Bibliotecas Públicas 1994”, para alertar que

o Brasil não conseguiu seguir as diretrizes propostas por este manifesto após 25 anos de sua criação. Ainda, indagaram as questões de que

O país não possui bibliotecas em número suficiente, com serviços de qualidade, para atender as demandas de informação e leitura da população. O Brasil não avançou nem na ampliação e nem no fortalecimento das bibliotecas, ao contrário, muitas daquelas que tiveram investimentos ou foram priorizadas pelo poder público sofreram descontinuidade, como o caso das bibliotecas parque do estado do Rio de Janeiro. Parte da fragilidade das bibliotecas públicas brasileiras pode ser atribuída pelo fato do país não ter avançado na formalização de marcos legais para a constituição e manutenção desses equipamentos. O país tem uma lei para o livro, tem uma lei para o fomento da leitura e escrita, entretanto não tem uma lei específica que garanta a existência e o bom funcionamento de bibliotecas públicas em seu território, coerente com a sua realidade, realidade esta marcada pela grandeza territorial e pela diversidade cultural, econômica e social (Públicas, 2019, p. 1).

Ainda, a FEBAB (2019, p. 1-2), denunciou que

A ausência ou mesmo a descontinuidade dos investimentos em políticas públicas para o setor foram ainda mais impactados com a recente extinção do Ministério da Cultura (MinC) e a realocação do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) para a Secretaria da Economia Criativa, dentro do Ministério da Cidadania, dificultando o diálogo e as articulações com esse órgão.

Este movimento tende a afetar principalmente os grupos vulneráveis, um exemplo simples é o de que muitas pessoas de baixa renda não possuem condições de terem acesso à livros comprados devido ao seu alto custo (Lewgoy, 2020). Logo, quando bibliotecas públicas sofrem desmontes por parte da cultura, é preciso que alinhemos as expectativas do que está sendo cumprido de acordo com princípios básicos desenvolvidos pelo documento da IFLA e o que nunca foi realidade concreta no contexto social e político que se inserem as bibliotecas brasileiras.

Com o objetivo de se posicionarem contrariamente às estratégias de desmonte da cultura, os autores do Manifesto da Biblioteca Pública de 2022 colocam que “Bibliotecas devem ser um componente essencial de qualquer estratégia de longo prazo para a Cultura, para o acesso à informação, para a aprendizagem e Educação.” De fato, a valorização da cultura como alicerce de existência das bibliotecas é de imprescindível importância para o cumprimento do seu papel social. Sem políticas internas, conhecimento da comunidade a ser atendida e planejamento, a biblioteca é apenas um local para guardar livros (FEBAB, 2017).

Em outras palavras, UNESCO e IFLA (2022, p. 4) quanto ao funcionamento e gestão da biblioteca pública propõem que

Uma política clara deve ser formulada, definindo objetivos, prioridades e serviços em relação às necessidades da comunidade local. A importância do conhecimento local e da participação da comunidade é valiosa e as comunidades locais devem ser incluídas no processo de tomada de decisões.

Naturalmente, com a aplicação de uma política bem formulada que inclua e centralize a comunidade local como resultado final de qualquer atividade realizada, são apresentadas propostas de atividades e exigências de estruturas físicas que buscam extrapolar as barreiras sociais, digitais, e de acessibilidade das bibliotecas públicas. Consistem em serviços que possam ser acessados física ou virtualmente, o que exige boa localização e aparelhamento digital e de rede da biblioteca, mas para além disso, “áreas de leitura e estudo adequadas”, oferta de equipamentos tecnológicos de acordo com o perfil da biblioteca e um horário de funcionamento confortável para o público (IFLA, UNESCO, 2022, p. 4).

Quanto mais abrangente a biblioteca se propõe a ser na diversidade de serviços oferecidos, mais ela cumpre com as missões-chaves que contribuem com o desenvolvimento sustentável. A saber, uma das missões que dialogam com os pensamentos freirianos a respeito da biblioteca é o de que ela deve

Fornecer acesso a uma ampla gama de informações e ideias sem censura, apoiando a educação formal e informal em todos os níveis e fomentar o aprendizado ao longo da vida ao permitir a busca contínua, voluntária e autônoma de conhecimento, para as pessoas em todas as etapas da vida. (UNESCO; IFLA, 2022, p. 1).

Ainda, analisando as missões propostas no que tange o respeito ao direito cidadão e a democracia, se destaca a que provê sobre o grupo vulnerável de pessoas analfabetas, segundo a UNESCO e IFLA (2022, n.p), a biblioteca pública tem papel central na intervenção do analfabetismo, tendo essa como uma de suas missões e deve portanto

Promover, apoiar e participar de atividades e programas de alfabetização para desenvolver habilidades de leitura e escrita, viabilizar o desenvolvimento das habilidades para leitura midiática e alfabetização digital para todas as pessoas em todas as idades, no intuito de promover uma sociedade informada e democrática;

Em vista disso, é possível notarmos uma preocupação da UNESCO e IFLA em colocar a alfabetização como um direito democrático de todas e todos e que deve ser portanto irrevogável. Indubitavelmente, que este um direito básico, pois sem a capacidade de leitura e escrita, um indivíduo terá dificuldades de acesso a quaisquer aparatos públicos que disponibilizam acesso à informação e ao conhecimento generalizado, dificultando sua participação nas tomadas de decisões que lhe dizem respeito na sociedade, tal como acesso à oportunidades. No boletim informativo da IFLA de setembro de 2023, a presidente da Federação, Vicki McDonald, afirma, em outras palavras que

O tema funciona bem para nosso trabalho em bibliotecas. Um adendo de que devemos sempre estar cientes do porquê de estarmos fazendo o que fazemos e medir nosso sucesso em termos das vidas que mudamos para melhor (McDonald, 2023, n.p, tradução nossa).

Contudo, a maneira como esta alfabetização é compreendida não permite o processo de tomada da consciência crítica do ser. Freire (1981, p. 11) irá questionar

Daí que, para esta concepção distorcida da palavra, a alfabetização se transforme em um ato pelo qual o chamado alfabetizador vai “enchendo” o alfabetizando com suas palavras. A significação mágica emprestada à palavra se alonga noutra ingenuidade: a do messianismo. O analfabeto é um “homem perdido”. É preciso, então, “salvá-lo” e sua “salvação” está em que consinta em ir sendo “enchido” por estas palavras, meros sons milagrosos, que lhe são presenteadas ou impostas pelo alfabetizador que, às vezes, é um agente inconsciente dos responsáveis pela política da campanha.

Em vista disso, a educação alfabetizadora não pode ser vista como um processo de educação com fim em si mesmo. Ela demanda de um cuidado que veja o alfabetizado dentro de suas singularidades, e que a partir daí, o entendimento da palavra possa lhe fazer sentido. É a partir da reflexão da problematização do analfabetismo no ponto de vista do analfabeto é que haverá sentido em pensar em alfabetização (Freire, 1981), pois

A alfabetização se faz, então, um que fazer global, que envolve os alfabetizados em suas relações com o mundo e com os outros. Mas, ao fazer-se este que fazer global, fundado na prática social dos alfabetizados, contribui para que estes se assumam como seres do que fazer – da práxis. Vale dizer, como seres que, transformando o mundo com seu trabalho,

criam o seu mundo. Este mundo, criado pela transformação do mundo que não criaram e que constitui seu domínio, é o mundo da cultura que se alonga no mundo da história (Freire, 1981, p. 17).

Ademais, a respeito dos grupos minoritários citados no Manifesto da Biblioteca Pública IFLA - UNESCO 2022, estes não são situados e delimitados no sentido em que se aplica um contexto sobre como estes são atualmente incluídos nas bibliotecas públicas. Em uma das missões, ao defender a promoção de conhecimento diverso, UNESCO e IFLA (2022, p. 3) justificam a necessidade de

Preservar e promover acesso a dados, conhecimentos e tradições locais e indígenas incluindo a tradição oral, proporcionando um ambiente no qual a comunidade possa ter um papel ativo na identificação de materiais a serem coletados, preservados e compartilhados de acordo com os desejos da comunidade.

Em suma, o documento busca colocar que povos originários podem contribuir com a aquisição, manutenção e compartilhamento de materiais que abracem a especificidade histórica e memorialística deles próprios dentro do espaço da biblioteca. É de fato importante compreendermos a riqueza informacional que as comunidades tradicionais locais e indígenas têm a oferecer para com a aquisição de um acervo mais diversificado dentro da biblioteca. Contudo, nos parece limitado entender tais povos apenas como usuários consultados para serem questionados sobre tipos e especificidades de materiais. Por que, para além de estarem na biblioteca enquanto usuários pacíficos, não são convidados para promoverem atividades com a biblioteca para ensinarem, por eles próprios, de maneira ativa e coletivizada, sobre suas comunidades?.

Apesar disso, através da missão de “Fomentar o diálogo intercultural e favorecer a diversidade cultural” (UNESCO; IFLA, 2022, p. 3) o manifesto parece compreender nossas preocupações para com a promoção de um multiculturalismo dentro da biblioteca. A cultura se faz na sua variedade de singularidades de cada um dos povos, grupos, guetos, que manifestam essas singularidades por meio de muitas esferas (Rasteli, Caldas, 2017).

Naturalmente, através do entendimento de conceitos como multiculturalismo ou outros que resguardem sobre a diversidade de usuários possíveis de frequentarem a biblioteca é que o espaço desta será entendido como democrático, coletivo e vivo. O Manifesto nos trará premissas a respeito de como devem ser os

serviços da biblioteca frente a diversidade das identidades dos usuários, sendo um deles o de que

Os serviços da biblioteca devem ser adaptados às diferentes necessidades das comunidades em áreas rurais e urbanas, bem como às necessidades de grupos marginalizados, pessoas com deficiência, usuários que demandem atendimento especial, usuários multilíngues e povos indígenas dentro da comunidade. (UNESCO; IFLA, 2022, p. 1)

Juntamente ao trecho acima, as instituições se debruçam em prover princípios sobre a importância do acesso à educação, enfatizando que “Programas de extensão e educação devem ser fornecidos para ajudar os usuários a se beneficiarem de todos os recursos ofertados” (UNESCO; IFLA, 2022, p. 5). Assim, ao o fazerem, estão abrindo espaço para possibilidades de construção e valorização da educação dentro de bibliotecas públicas. Espaços estes que sirvam para o estudo, para a troca de experiências, e para a aberturas de oportunidades para indivíduos que não obtiveram acesso à educação. Porém, neste trabalho fazemos a defesa de uma educação horizontalizada, construída com o educando e não apenas. Em outras palavras, Freire (1981, p. 10) irá dizer que

Estudar é também e sobretudo pensar a prática e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo. Desta forma, quem estuda não deve perder nenhuma oportunidade, em suas relações com os outros, com a realidade, para assumir uma postura curiosa. A de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca.

Paralelamente, o documento apresenta a missão “Proporcionar oportunidades em prol do desenvolvimento criativo individual e estimular a imaginação, criatividade, curiosidade e empatia;”. Digamos paralelamente, pois é por meio das muitas possibilidades de serviços, atividades e oportunidades é que a biblioteca alcançará públicos que antes não compreendiam - por qualquer que seja o motivo - o espaço da biblioteca. Ainda, esta missão diz muito sobre os sentimentos que os usuários podem ter ao frequentar a biblioteca, tecendo assim um ideal de que a biblioteca seja segura, acolhedora e pertencente a todas as pessoas.

Por fim, o documento formula sobre algumas possibilidades para se fazerem cumprir as missões e princípios defendidos, e outros princípios de gestão e manutenção da biblioteca pública que auxiliaram para sua continuidade e transformação. Um deles orienta que o bibliotecário deve servir como

[...] um intermediário ativo entre usuários e recursos, tanto digitais quanto tradicionais. Os recursos humanos e materiais suficientes, bem como a formação continuada do bibliotecário são imprescindíveis tanto para garantir serviços adequados como para enfrentar os desafios do presente e do futuro. As entidades responsáveis mantenedoras devem consultar os profissionais da biblioteca para definir quantitativamente e qualitativamente os recursos que devem ser contratados. (UNESCO; IFLA, 2022, n.p).

Posteriormente, teremos um princípio essencial para o estudo contínuo do impacto da biblioteca no local onde ela está inserida. Estudo este que pode possibilitar a garantia de mais políticas públicas e investimentos nas bibliotecas públicas. Trata-se sobre manter relatado, registrado e armazenado toda informação pertinente aos olhos do bibliotecário sobre a biblioteca em que ele atua, para que assim, os resultados sejam vistos pelos órgãos responsáveis. O trecho em questão dirá que, segundo UNESCO e IFLA (2022, p. 5)

Pesquisas contínuas devem se concentrar na avaliação do impacto da biblioteca e na coleta de dados para demonstrar o benefício social das bibliotecas para os agentes formuladores de políticas públicas. Os dados estatísticos devem ser coletados a longo prazo já que os benefícios das bibliotecas na sociedade são frequentemente vistos nas gerações subsequentes.

Em tese, é possível compreender que o Manifesto busca levantar inúmeras possibilidades para repensar o espaço da biblioteca pública. Este movimento não pode ser realizado, contudo, somente através da presença do bibliotecário responsável. Se almejamos que as bibliotecas sejam vivas, exploradas, e pertencentes ao povo, são inúmeros os parceiros que podem e devem participar desta construção. Sobre parcerias, é acertado a defesa de que sejam feitas parcerias para um alcance maior dos serviços da biblioteca quanto a diversidade de públicos, seja escolas, ONGs, associações, empresas entre outros. Assim como o documento coloca, compreendemos ser estritamente necessário o estabelecimento de parcerias na biblioteca pública (UNESCO, IFLA, 2022).

4.2.2 Agenda 2030: objetivos para a redução de desigualdades

Em primeiro lugar é necessário situarmos uma movimentação que vai de encontro com as transformações sociais no seu nível macro. Esta movimentação, criada pela Organização das Nações Unidas é a Agenda 2030 Para o

Desenvolvimento Sustentável, criada em 2015, e que consiste num plano de ação globalizado que apresenta 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e 169 metas para a transformação da sociedade até 2030: buscando a garantia dos direitos humanos, erradicação da pobreza, combate a todo tipo de desigualdade, alcance da igualdade de gênero e empoderamento de mulheres e meninas. Tais objetivos e metas são provenientes dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, e caminham para que haja a superação destes. Os objetivos são convergidos nas três dimensões que os compreendem, a econômica, a social e a ambiental, de modo que haja equilíbrio na conquista de seus desafios (ONU, 2015).

Seus princípios são divididos para servirem em importantes áreas: Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parceria. Como a temática do referido trabalho visualiza bibliotecas como meios de transformação, nos debruçarmos em analisarmos as noções e objetivos perante a atuação das bibliotecas em contribuição a superação das metas e alcance dos objetivos. Deste modo, sobre parcerias, a ONU (2015) trás que

As interconexões e a natureza integrada dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são de importância crucial para assegurar que o propósito da nova Agenda se concretize. Se realizarmos as nossas ambições em toda a amplitude da Agenda, todos sentirão melhoras sensíveis em suas vidas e nosso mundo será melhor.

Em virtude dos conceitos apresentados, temos que a biblioteca é passível de ser um dispositivo informacional que promove melhorias nas vidas das pessoas e que busca transformar a sociedade, tal como prevê alguns dos Objetivos Para o Desenvolvimento Sustentável. Segundo o SP Leituras (2013, p.14)

A Biblioteca Pública é, e deve ser um agente de mudança, pois, oferecendo livre acesso à informação e à leitura, com atividades especiais e serviços de qualidade reconhecida, proporciona a todos os cidadãos e à comunidade, incontáveis benefícios sociais e econômicos.

Ainda, sobre as características de bibliotecas vivas, públicas e democráticas quanto ao seu caráter social, temos que elas promovem a participação cidadã, pois

Uma nação cresce e se fortalece na medida em que seus habitantes são capazes de participar de um projeto comum. Uma sociedade mais justa, equitativa, solidária e coesa ocorre quando a grande maioria de pessoas têm as mesmas oportunidades de educação, informação e participação nas decisões. A biblioteca pode e deve contribuir para isso criando oportunidades de leitura e escrita desde a infância e para todos os grupos

da população. O acesso à informação é um direito do cidadão e é obrigação do Estado velar para que cada município destine parte de seu orçamento para a dotação e manutenção de uma biblioteca pública com serviços gratuitos e acessíveis a todos os cidadãos. (SP Leituras, 2013, p.9)

Estes princípios que se apoiam sobre as reivindicações dos Direitos Humanos e assim como declara a ONU (2015), corroboram para a preservação do Estado de Direito, cumprimento da justiça, superação das desigualdades e das discriminações, respeito às diferenças raciais, étnicas e culturais consequentemente favorecem a igualdade de oportunidades. Por meio das oportunidades justas a prosperidade compartilhada também poderá ser desfrutada. Esta é uma das visões da ONU (2015) que se assemelha às visões sobre as bibliotecas que defendemos.

Um mundo que investe em suas crianças e no qual cada criança cresça livre da violência e da exploração. Um mundo em que cada mulher e menina desfrute da plena igualdade de gênero e no qual todos os entraves legais, sociais e econômicos para seu empoderamento tenham sido removidos. Um mundo justo, equitativo, tolerante, aberto e socialmente inclusivo no qual as necessidades das pessoas mais vulneráveis sejam atendidas.

Contudo, não basta que relacionamos as visões de ambos os envolvidos, bibliotecas e ONU. Para que o compromisso com a Agenda 23 ganhasse notoriedade e fizessem sentido para as bibliotecas públicas, foi necessário movimentos das federações que atuam resguardando a profissão do bibliotecário e cientista da informação e bibliotecas a nível nacional e internacional.

4.2.3 IFLA /FEBAB e as bibliotecas na Agenda 2030

Em 2014 o Congresso Internacional da International IFLA que ocorreu na França discutiu a respeito da atuação necessária frente os desafios que os ODS representam. Consequentemente, a FEBAB tem se esforçado constantemente para promover a divulgação desse documento e estimular conversas sobre como as bibliotecas no Brasil podem se envolver nesse compromisso global (Ferrari, 2017 apud Pereira *et al.*, 2021).

Neste documento, traduzido pela FEBAB, a IFLA (2016, n.p) defende a participação das bibliotecas no cumprimento das ODS com a prerrogativa de que

O acesso público à informação permite que as pessoas tomem decisões conscientes que podem melhorar suas vidas. As comunidades que têm acesso à informação relevante e no tempo certo estão melhor posicionadas para erradicar a pobreza e a desigualdade, melhorar a agricultura, proporcionar educação de qualidade e promover a saúde, a cultura, a pesquisa e a inovação.

Ainda, exemplificando o papel das bibliotecas para/com o cumprimento das 17 ODS, a IFLA (2016, p. 4) elenca caminhos possíveis e prioritários para se alcançar os objetivos, sendo eles:

Promover a alfabetização universal, incluindo a alfabetização e as habilidades digitais, midiáticas e informacionais com o apoio de equipe especializada; Superar as dificuldades no acesso à informação e ajudar o governo, a sociedade civil e o setor privado a compreenderem melhor as necessidades locais em matéria de informação; Promover um serviço em rede contendo os sites e programas governamentais; Promover a inclusão digital por meio das TICs; Atuar como centro da comunidade acadêmica e de pesquisa; Preservar e proporcionar o acesso à cultura e ao patrimônio do mundo.

Concomitantemente, diversos autores do campo da biblioteconomia vêm pesquisando a respeito de práticas transformadoras que visam contribuir com os objetivos defendidos pelas Nações Unidas. Para Pereira *et al.* (2017, p. 5)

[...] a Agenda 2030 é ampla e as possibilidades de atuação das bibliotecas são inúmeras. Nesse sentido, acreditamos que as bibliotecas públicas, por terem como público-alvo toda a comunidade, podem desenvolver projetos diversos que contemplem mais de um ODS.

Assim, compreendendo esta máxima, iremos trazer alguns dos objetivos e relacionarmos as bibliotecas vivas, entendendo como esta pode ser ainda mais efetiva para avançar com os ODS e também efetivos para analisarmos o estudo de caso parcial proposto. Os exemplos são de bibliotecas internacionais relatadas no documento da IFLA (2016), que devem servir como exemplo para as bibliotecas nacionais.

Em primeiro lugar temos o ODS 1: Acabar com a Pobreza. Na Eslovênia, bibliotecas fornecem serviços para grupos em extrema vulnerabilidade, os moradores de rua e pessoas que recebem algum benefício social governamental. A IFLA (2016, p. 5) exemplifica que

Na Eslovênia a biblioteca da cidade de Ljubljana oferece Serviço de Informação e Emprego que permite 1200 pessoas por ano, muitas delas

moradores de rua ou beneficiários de programas sociais, achar emprego. A biblioteca realiza capacitações em alfabetização informacional e midiática e as auxiliam na preparação de seus currículos e a candidatarem-se ao emprego desejado.

Já no Sri Lanka, em encontro aos desafios de alfabetização e acesso à tecnologia para todos, a Biblioteca Eletrônica Nenasala oferece um programa governamental que promove

[...] a alfabetização digital e o acesso à tecnologia dos habitantes mais pobres do país que vivem em zonas rurais distantes. 300 centros em todo o país oferecem capacitação em computação básica, orientação no acesso à informação através da internet, uma ampla variedade de conhecimentos locais relevantes. Os centros estão abertos a todos e são a forma mais importante de dar acesso a infraestrutura nos lugares mais remotos e pobres do país (IFLA, 2016, p. 5).

Também, visando a alfabetização de crianças na idade de 0 a 4 anos, e cumprindo com o objetivo 4: “Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (ONU,15) os países baixos possuem a iniciativa Boekstart que

[...] trabalha com creches e centros de saúde, as bibliotecas públicas com os primeiros anos das escolas primárias mediante o oferecimento de livros e capacitação a 75.000 crianças por ano com idades entre 0 a 4 anos. O programa é apoiado pelo governo nacional e governos locais e visa estabelecer uma colaboração de longo prazo entre as organizações para garantir a alfabetização das crianças (IFLA, 2016, p. 8).

Paralelamente, contribuindo com o objetivo 4, na Suécia, a biblioteca de Malmo oferece cursos introdutórios que incentivam a inclusão social e a sustentabilidade, através de aprendizados simples, como o acesso a email, uso da internet entre outros. Por conta de terem usuários imigrantes, principalmente menores de idades, disponibilizam ferramentas de apoio à aprendizagem e educação.

Continuando, temos o objetivo 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Seguindo a lógica de formação para o empreendedorismo feminino, a Biblioteca Nacional da Uganda

[...] oferece um programa de capacitação nas TICs dirigido às mulheres agricultoras, oferecendo acesso nos idiomas locais dos boletins meteorológicos, preços de cultivo e apoio no estabelecimento de comércio

digital. Esse programa, por meio da tecnologia, aumenta o bem estar econômico das mulheres (IFLA, 2016, p.9).

Igualmente, no Nepal, a biblioteca desenvolve programas de empoderamento feminino. Intitulado “Desenvolvimento de Atitudes do Centro de Informação e Recursos de READ” (IFLA, 2016, p. 9), o programa leva as mulheres e meninas

“[...] a obter conhecimentos e ter o controle sobre suas vidas...seminários e workshops sobre direitos das mulheres, igualdade de gênero, saúde, violência contra a mulher e outros temas. A biblioteca encoraja as mulheres a participar de um grupo que se reúne uma vez por mês em um setor reservado da biblioteca onde elas podem se expressar livremente. Os cursos práticos incluem leitura, escrita e matemática, inglês, tecnologias, atitudes empreendedoras e aulas práticas sobre fabricação de produtos para venda. Os centros READ de todo o país também oferecem programas de treinamento em qualidade de vida, saúde, conhecimentos digitais e tecnologia (IFLA, 2016, p. 9).

Por último e não menos importante, quanto aos grupos vulneráveis, temos o objetivo 10: Reduzir as desigualdades dos países e entre eles. Este é um objetivo amplo que diz respeito especificamente ao tema deste trabalho e o objetivo 11: Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. As bibliotecas como dispositivos de transformação, “contribuem para reduzir a desigualdade proporcionando espaços cívicos seguros e abertos a todos em áreas urbanas e rurais em todo o mundo” (IFLA, 2016, p. 13). Dito isso, contribuindo com o objetivo 10, na Mongólia

“[...] a biblioteca pública Ulaanbaatar (UPL por sua sigla em inglês) e a Federação de Cegos da Mongólia construíram dois estúdios de gravação para criar áudio livros em formato DAISY que aumentam notavelmente a quantidade de material acessível e abrem novas mundos de aprendizagem para pessoas com deficiência visual (IFLA, 2016, p. 13).

Quanto ao objetivo 11, a China, em 2015, segundo a IFLA (2016, p. 14)

“[...] inaugurou a primeira biblioteca do metrô de Beijing, a “Biblioteca do Metrô M” na estação da Biblioteca Nacional da China (NCL). Essa biblioteca do metrô visa ampliar mais serviços, oferecer recursos de alta qualidade – como livros eletrônicos que possam ser baixados gratuitamente – fomentar a cultura tradicional e promover a leitura.

Concomitantemente, nas periferias da cidade de Medellín, na Colômbia, foram construídas Bibliotecas Parques, estas bibliotecas públicas “[...] oferecem as ferramentas e programas educativos para beneficiar as comunidades locais e

constituem um centro para projetos ecológicos e de desenvolvimento urbano” (IFLA, 2016, p. 14).

Logo, na medida em que as bibliotecas do mundo todo se comprometem com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, em grande escala, estas estão contribuindo com a construção de bibliotecas vivas e participativas. Como colocam os seguintes autores

“[...] é preciso pensar o espaço da biblioteca viva como um lugar atraente onde, além de ler, as pessoas possam trocar ideias, discutir, ouvir histórias, dentre outros. Trata-se de implantar uma concepção de trabalho na qual usuários sejam vistos como sujeitos ativos na construção de seu conhecimento e como produtores de cultura (Harasawa, 2004 apud Silva R.; Jorente; Caldas, p. 279, 2017).

Se pensarmos nos ODS como responsabilidade de todos, estes devem ser difundidos para todos, pertencentes e úteis a todos. Uma vez que a IFLA (2016, p.20) traz que

As bibliotecas podem compartilhar informações sobre os ODS e as prioridades nacionais de desenvolvimento dentro de suas comunidades e internacionalmente, e conectar as pessoas com a informação sobre os Objetivos na internet.

Assim, se torna fundamental que as bibliotecas e os bibliotecários estejam atuantes para com os ODS, não somente para avançar com a luta pela igualdade social, mas também para formularem modelos de bibliotecas que ultrapassem o tradicionalismo vigente, e conseqüentemente beneficiem grupos vulneráveis e suas comunidades de maneira contínua e em razão de uma equidade social.

5. CONCEITUANDO BIBLIOTECA VIVA

O SP leitura (2013, p.13) define o termo biblioteca viva como sendo

[...] uma verdadeira revolução que transforma, de forma definitiva, o antigo espaço destinado a guardar livros e a receber pesquisadores, personalidades letradas e intelectuais. Biblioteca, hoje, é o sinônimo de um espaço dinâmico, de grande atração para indivíduos de todas as classes sociais e, acima de tudo, repleto de novas ofertas do campo da cultura, das artes, do conhecimento.

Nesta nova concepção de biblioteca, as atividades tradicionais se transformam. O espaço utilizado anteriormente como acervo de recursos informacionais, em maioria livros, passa a abraçar equipamentos e internet, amplamente difundidos através de jogos, produção de vídeo e música como parte de seus serviços oferecidos. Ainda, o conhecimento nestes espaços é transmitido também por uma abrangente diversidade de atividades, como teatro, exposições artísticas, saraus, cinema, apresentações, palestras, rodas de conversas entre outras atividades que não se limitam em seu formato, podendo ser variadas e construídas pela própria comunidade, visando atender desde bebês até idosos (SP Leituras, 2013, p.13).

É portanto um espaço que abomina o estigma de ser silencioso, mas não somente, ele visa levar a comunidade a consumir cultura e conhecimento por meios diversos que não somente os tradicionais. Por meio de uma construção coletiva, dinâmica, desburocratizada e que entenda o perfil e as necessidades reais dos seus usuários, e que sobretudo os coloque como indivíduos apropriados da bibliotecas e do que nelas acontece (SP Leituras, 2013). Neste sentido Santa María e Vasco (2013, p. 10) provocam que

Assiste-se agora a um período de transição e renovação, no qual a biblioteca pública começa a ser compreendida como uma instituição de caráter social e cultural, que se articula com a comunidade a qual serve, trabalha com acerto, é bem dotada, se conecta com o mundo através das novas tecnologias, e pode incidir de maneira favorável no melhoramento social e na participação cidadã.

Se não as novas e emergentes necessidades das comunidades singulares, a quem serve o espaço da biblioteca? Esta biblioteca que é pública, logo é do povo, deve então atentar-se às súplicas do povo que seja aceito como um “[...] **Povo como sujeito do conhecimento de si mesmo**” (Freire, 1989, p. 21, grifo nosso). Deve portanto ser vista, neste novo modelo, como revolucionária. Revolucionária pois se transforma de maneira radical no contexto social que se insere, a partir da formação instrumentalizada da população historicamente afastada dos espaços de poder e tomadas de decisão, de modo que isto se reverta à ação voltada para a mudança da sociedade através da influência e decisões deste povo (Almeida Júnior, 2017a).

A organização SP Leitura, através de Santa María e Vasco (2013) defendem a divisão de três frentes de trabalho: leitura, informação e cultura para uma biblioteca pública, a fim de fortalecer o “desenvolvimento social e humano”. Também, necessita oferecer serviços de criatividade e inovação juntamente com os recursos que os possibilitem (Santa María; Vasco, 2013, p. 10).

Na frente da leitura, deve haver atuação da biblioteca para incentivar práticas de leitura e escrita como hábito na vida dos usuários sejam eles crianças, adultos ou idosos. Esta medida promove a aprendizagem e participação cidadã plena. Bem como a frente da informação, que prevê esforços da biblioteca para organização e exposição das informações, de modo a possibilitar o seu uso aplicada às diferentes situações da vida do usuário. Já na frente cultura, de maneira geral se espera um trabalho participativo com a comunidade para reconhecimento da cultura como uma esfera realmente propulsora do exercício da cidadania e mudança social (Santa María; Vasco, 2013).

Os educadores, ou agentes sociais - adjetivo que serve também a classe de profissionais da Biblioteconomia - entram nesse sentido para instruir seus educandos, sem manipulá-los, mas levando o pensamento crítico com parcimônia, a partir de uma prática alinhada política e coerentemente ao povo e seus interesses (Freire, 1989). O autor destrincha que o conhecimento que o educador passa para o aluno não é imutável, inquestionável e transferível, já que o educador não deve ser visto como superior intelectualmente em detrimento dos educandos, tornando o processo do saber para estes uma constante construção conjunta.

Assim, como colocam Morigi, Vanz e Galdino (2002, p. 134), sustentaremos o conceito de educador aplicado ao bibliotecário na medida em que este é

[...] o profissional que trabalha como catalisador e disseminador da informação, bem simbólico e elemento chave na conquista da cidadania. Além disso, é um educador, pois a biblioteca é um locus privilegiado do debate, uma esfera de discussão política e uma instituição responsável pela democratização da informação.

Dessa forma, sobre o exercício da cidadania enquanto o ato de garantir a conscientização e a participação política e social dos indivíduos, esta deve ser promovida por organizações, - neste caso, a biblioteca - de modo que toda e qualquer informação deve ser transmitida para o usuário visando a sua reflexão crítica (Caldas, 2012 apud Silva R. *et al.*, 2017).

Num modelo voltado para a sociedade e sua realidade concreta

[...] os ambientes que atuam com a informação devem ressaltar o atendimento das necessidades de seu público e observar aspectos de cidadania, do desenvolvimento social e cultural com foco em estruturas organizacionais vivas (Silva R.; Jorente; Caldas, p. 277, 2017).

Os grupos oprimidos socialmente carecem de processos educacionais que os valorizem como sujeitos historicamente desassistidos pelo Estado. Compreendermos o alicerce político do fazer bibliotecário se torna necessário para tratar tais grupos com a sensibilidade necessária

No caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de **a favor de quem e do quê**, portanto **contra quem e contra o quê**, fazemos a educação e de **a favor de quem e do quê**, portanto **contra quem e contra o quê**, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. (Freire, 1989, p. 15, grifo do autor).

Por meio do discorrimento a respeito das experiências brasileiras e latino-americanas, e dos escritos teóricos da biblioteconomia, pedagogia, e outras áreas que enriqueçam o discurso trazido de maneira multidisciplinar, o presente trabalho busca se aprofundar e navegar em uma bibliografia, ainda que limitada, que produza um arcabouço teórico que sustente as reflexões a respeito da transformação da biblioteca voltada para o combate às opressões. Esta transformação visa trazer um novo olhar para o campo da Biblioteconomia e Ciência da informação, para as e os profissionais bibliotecários, e para um público que ainda possui esperanças para a superação dos problemas sociais e de opressão sistêmica

que atingem o todo da população, mas que desaguam nos grupos vulnerabilizados e minoritários.

Traremos assim, alguns exemplos de experiências de ações de bibliotecas viva descritas no livro “Biblioteca viva: o que a biblioteca pode fazer pela sua comunidade” e que abrangem as frentes de atuação, aliadas as colocações de Almeida Júnior (2017), se ancoram nos princípios de:

- a) instigar seu público a consumir mas também a produzir cultura;
- b) produção de informações que sejam bem difundidas e que representem as necessidades e interesses latentes da população,
- c) advogar e sustentar os direitos de fala e também de escuta das classes dominadas e oprimidas;
- d) incentivar o nascimento da consciência de cidadania na população a partir da disponibilização das informações que divulguem conhecimento a respeito de seus direitos básicos que proporcionam acesso à vida digna.

A saber (grifo da autora): a **Biblioteca Pública Municipal Dr. Rafael Paes de Barros**, em Garça, São Paulo, percebendo o difícil acesso dos moradores da zona rural à biblioteca e conseqüentemente aos livros criou o Projeto **Rota de Leitura**. O projeto consiste no transporte dos livros até as casas das zonas rurais por parte da equipe da biblioteca, onde quatro caixas de livros passam nas regiões rurais no formato de rodízio. Outra biblioteca e duas fazendas participam também do projeto, que avaliou “[...] um crescente interesse e participação da população rural na utilização dos serviços das caixas” (SP Leituras, 2013, p. 17).

A **Biblioteca Geraldo Ferraz**, em Guarujá, São Paulo, criou o **Projeto Horta Fitoterápica**, inspirado na sabedoria popular brasileira sobre as propriedades medicinais de plantas e ervas. A horta é aberta à visitaçãõ e fornece informações mais detalhadas sobre as plantas e como utilizá-las. incentiva o contato com os livros da biblioteca e conhecimentos sobre acesso a insumos aliados à saúde que sejam mais acessíveis. Assim estimula o visitante para/com o interesse pela biblioteca e pela leitura (SP Leituras, 2013, p. 19).

A **Secretaria de Cultura de Santo André**, em 1998, lançou o **Projeto Despertar para a Leitura**, a fim de transformar as bibliotecas da cidade em locais mais dinâmicos e envolventes. Indo contra o estigma do silêncio, o projeto inclui

rodas de contação de histórias, oficinas de criação literária e outras atividades culturais. Essas atividades mobilizaram os visitantes a se perceberem e falarem sobre suas próprias histórias de vida a partir da criação de suas narrativas. As bibliotecas se tornaram mais procuradas pelos idosos, professores e principalmente pelas crianças, explanando o poder cultural, de diversão e literatura das bibliotecas de Santo André (SP Leituras, 2013, p. 29).

Por fim, trazemos a experiência do **Projeto Sarau Quinta em Movimento** que acontece na **Biblioteca Carolina Maria de Jesus** em parceria com o **Centro Educacional Unificado (CEU)**. O sarau começou em 2009 por iniciativa de professores da escola infantil do CEU, e tendo tido sucesso, passou a acontecer semanalmente. Os resultados: a “Biblioteca Carolina Maria de Jesus mostra-se mais aberta e receptiva, cria novos contextos pedagógicos e literários, amplia sua programação e deixa claro o conhecimento de seu papel socioeducativo” (SP Leitura, 2013, p. 43).

6. ESTUDO DO CASO PARCIAL DA BIBLIOTECA SINHÁ JUNQUEIRA

As informações sobre as características da biblioteca foram retiradas no seu site oficial e complementadas por minha observação após uma visita guiada à biblioteca. O edifício da Biblioteca Sinhá Junqueira (BSJ) está localizado na Rua Duque De Caxias, 547, no Centro de Ribeirão Preto e no seu corpo de funcionários possui: 1 bibliotecário que atua enquanto coordenador geral; 3 assistentes de leitura sendo uma delas graduanda de BCI, uma bacharela em BCI e uma Técnica de Teatro e ; 1 coordenador de programação e produção; 1 mestranda de CI que atua como analista de acervo e programação e 4 estagiários graduandos de BCI (Equipe, [2023?]).

A história da Biblioteca Cultura de Ribeirão Preto nasce da vontade de Sinhá Junqueira - fundadora da Fundação Educandário junto com seu esposo Cel. Quito e Theolina Junqueira - ao deixar em seu testamento 6 milhões de cruzeiros destinados para a construção de uma biblioteca em sua casa. Assim, a Fundação Educandário construiu em 1960, na mesma rua da atual, a “Biblioteca Cultural Altino Arantes” em detrimento de Dr. Altino Arantes, sobrinho e principal testamentário de Sinhá Junqueira (Figura 1) (Biblioteca [...], [ca. 2020]).

Figura 1 - A biblioteca Altino Arantes no Centro de Ribeirão Preto



Fonte: JF Pimenta, [20--?].

Anos depois, em 2014, foi autorizada por órgãos de defesa do patrimônio, a revitalização e restauração de parte da estrutura do prédio da Biblioteca, a ser realizada pelo arquiteto Dante Della Manna e a arquiteta Maria Luiza Dutra. O casarão histórico, construído em 1932, ganhou com o projeto de reforma, mais 900 m² de área moderna em seu entorno (Figura 2; Figura 3). No total, 11 milhões foram investidos pela Fundação para a obra, e posteriormente resultou na mudança do nome da biblioteca para homenagear sua idealizadora e sua reinauguração em 2020 (Biblioteca [...], [ca. 2020]). A BSJ passa a atuar em sintonia com o modelo de biblioteca viva, se inspirando na Biblioteca Parque Villa Lobos e Biblioteca de SP. Sua missão é integrar a comunidade de Ribeirão Preto e região a um espaço dinâmico e vivo (Home, [2020?]).

Figura 2 - Casarão da Biblioteca Sinhá Junqueira após reforma



Fonte: Weber Sian/A Cidade, 2020.

Figura 3 - Fachada e área externa da Biblioteca Sinhá Junqueira após reforma



Fonte: Weber Sian/A Cidade, 2020.

Dentre os serviços oferecidos e instalações, a BSJ oferece ao público 1500 m² de área construída (Figura 4), 14 mil livros, sala de obras raras, 30 Computadores, 15 Salas de leitura e estudo, auditório com 60 lugares (Figura 5), sala com equipamentos de acessibilidade, elevadores, brinquedos e jogos, agenda cultural mensal e cafeteria (Biblioteca [...], [ca. 2020]). Com exceção da cafeteria, todos os serviços são gratuitos, bastando apenas que seja feito um cadastro simples no balcão de atendimento para uso dos serviços. Ainda, um dos diferenciais da BSJ é seu horário de funcionamento que abrange os finais de semana. A biblioteca funciona de terça à sábado, das 09h às 18h (BSJ [...], [202-?]).

Figura 4 - Área externa da BSJ



Fonte: Varal Diverso, 2022 (editada pela autora).

Figura 5 - Auditório da BSJ com capacidade para 60 pessoas

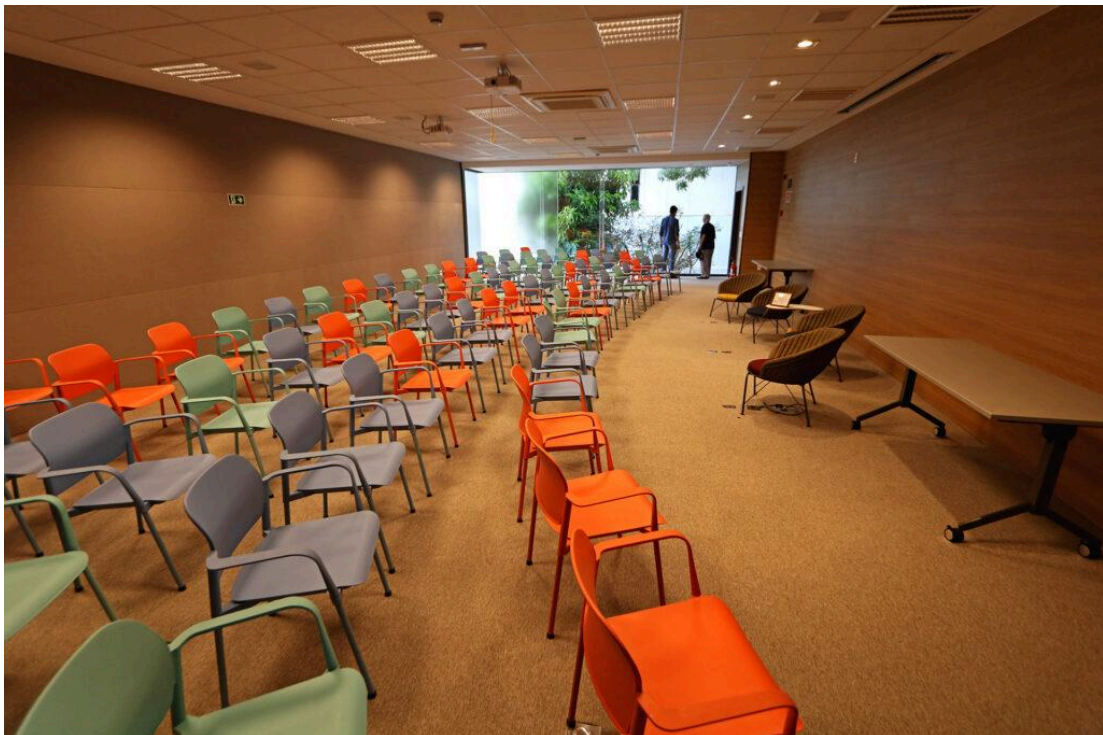


Foto: Paulo Gallo / Varal Diverso, 2020.

A agenda cultural da biblioteca é atualizada através do site oficial e das redes sociais no Instagram e Facebook. Portanto, estaremos levantando atividades e projetos que compreendemos se alinharem com o desejo do fim da opressão de minorias e grupos vulneráveis e estímulo da consciência crítica e criativa dos usuários, na medida em que contribuem com a efetividade das missões propostas pelo Manifesto Da Biblioteca Pública Ifla-UNESCO 2022 e alguns dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015) , a saber :

- Objetivo 1 - Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares;
- Objetivo 4 - Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;
- Objetivo 5 - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas;
- Objetivo 10 - Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles;
- Objetivo 11 - Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis
- Objetivo 16 - Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis

Finalmente, teremos o recorte de atividades e projetos ocorridos entre 2020 e 2023 na biblioteca, visto o fato de que a partir de sua inauguração é que a biblioteca passou a atuar como uma biblioteca viva (Home, [2020?]).

Para isso, é importante situarmos o contexto em que a biblioteca passa a atender após sua inauguração. Em 2020, o mundo enfrentava uma das pandemias mais drásticas da história, a pandemia por Covid-19, que resulta atualmente em 6,9 milhões de pessoas mortas no mundo todo (CNN Brasil, 2023) e 709.765 no Brasil (Coronavírus Brasil, 2024). Seu impacto foi sentido nas áreas culturais, econômicas e sociais, devido ao isolamento social recomendado pelos órgãos governamentais de saúde, ao medo e insegurança alimentar, precariedade do serviço público de saúde entre outros (Fiocruz, [202-?]). Nesse sentido, os grupos vulneráveis foram quem mais sofreram com a disseminação do vírus, pois estes muitas vezes não puderam parar de trabalhar, se tornando alvos da pandemia (Fiocruz, [202-?]).

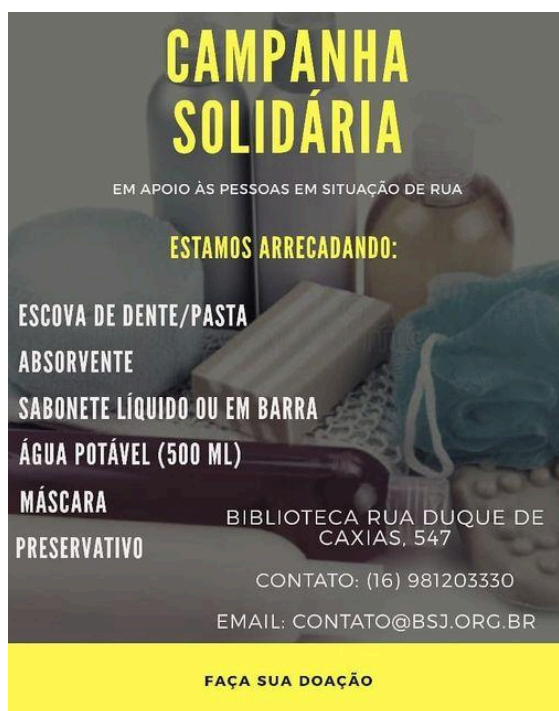
A Biblioteca Sinhá Junqueira realizou sua inauguração e seguiu os conselhos da OMS (Organização Mundial de Saúde) de distanciamento social, realizando suas atividades em caráter online na maior parte do ano de 2020, sendo estas atividades: indicações de livros, lives sobre temas sociais, orientações para renovação de livros pelo site, leitura de poemas, clubes de leitura, contações de histórias, oficinas, saraus, yoga entre outras (Biblioteca Sinhá..., [20-?]).

A biblioteca foi reduzindo o distanciamento ao longo do ano, e passou a exigir uso de EPIs para que pudesse voltar com algumas atividades, de maneira agendada e com público limitado. Ao fim do ano, diversas atividades foram realizadas de maneira presencial (Biblioteca Sinhá..., [20-?]). De modo geral as postagens fixas do Instagram da BSJ que demonstram a atuação da biblioteca no período pandêmico de Covid-19 não se direcionaram a explicar sobre a pandemia ou evitar o isolamento completo tanto de seus funcionários, quanto da população. Contudo, a instituição se mostrou solidária em apoiar campanhas de solidariedade como as Campanhas de doações BSJ e RP Contra o Coronavírus (Biblioteca Sinhá..., 2020).

Nesse sentido, a biblioteca também realizou a campanha colaborativa de doação de produtos de limpeza para pessoas em situação de rua, em colaboração com outras organizações no auge do período pandêmico, além do (Figura 6).

Durante a pandemia outras atividades aconteceram de forma remota, como por exemplo a Roda de Conversa - Arquitetura Social: Direito à vida, cujo debate se voltou para o entendimento da arquitetura na qualidade de vida da população. O evento contou com a participação de Natascha Vital, Afroempreendedora, a arquiteta e advogada Ana Cláudia Mauer e o arquiteto José Roberto Ferreira com mediação do bibliotecário da BSJ, Ciro Monteiro (Figura 7).

Figura 6 - Card de divulgação: Campanha solidária de produtos de limpeza para pessoas em situação de rua



Fonte: Facebook/Biblioteca Sinhá Junqueira, 17 de julho de 2020.

Posteriormente, atividades de Visitas Mediadas passaram a ser realizadas e incentivadas e no atual momento acontecem mediante agendamento (Figura 8) e a intervenção “Rompendo grades com poesia” também se tornou uma programação recorrente da biblioteca em 2020 (Figura 8). No mês seguinte foi realizada uma exposição fotográfica do artista Vitor Hugo Guimarães, intitulada de “Mulheres fortes” (Figura 9).

Figura 7- Card de divulgação da Roda de Conversa: Arquitetura Social: Direito à vida

ARQUITETURA SOCIAL: DIREITO À VIDA
 Roda de conversa com: **25 DE SETEMBRO**
19:00

NATASCHA VITAL

JOSÉ ROBERTO FERREIRA

ANA MAUER

Mediação: **Ciro Monteiro**
REALIZAÇÃO: BSJ

TRANSMISSÃO: O CENTRO É LEGAL

BIBLIOTECA SINHÁ JUNQUEIRA

O Centro Legal

Fonte: Instagram / Biblioteca Sinhá Junqueira, 10 de setembro de 2020.

Figura 8 - Card de divulgação: Visitas mediadas e Rompendo grade com poesia

The card is divided into two main sections. The top section, on a red background, features the title 'Visitas mediadas' in large white font. Below it, two tan-colored boxes list the schedule: 'Sextas 15:00' and 'Sábados 11:00 E 15:00'. To the right is a circular photo of a man speaking to a group. Below the schedule, the text 'Inscrições na recepção' is written. The bottom section, on a dark red background, features the title 'Rompendo grades com poesia' in large white font, with 'INTERVENÇÃO' above it. Below the title, it says 'Todos os dias No quintal da BSJ'. To the left is a photo of a sign on a fence that reads 'ROMPENDO GRADES COM POESIA'.

Visitas mediadas

Sextas
15:00

Sábados
11:00 E 15:00

Inscrições na recepção

INTERVENÇÃO

**Rompendo grades
com poesia**

Todos os dias
No quintal da BSJ

ROMPENDO
GRADES
COM
POESIA

Fonte: Instagram / Biblioteca Sinhá Junqueira, 01 de novembro de 2020.

Figura 9 - Card de divulgação : Exposição fotográfica “Mulheres Fortes”



Fonte: Facebook / Biblioteca Sinhá Junqueira, 28 de novembro de 2020.

No ano de 2021 a BSJ também continuou com um calendário diversificado de atividades. Daremos destaque às atividades: “Roda de conversa - Preconceitos na literatura” com Adonai Ishimoto e Carolina Gregório em parceria com Experiências Literárias na Prisão; a continuidade do projeto do “Clube do Livro: Resenha Preta” idealizado por Juliana Rodrigues, mediado por Camila Santos, Sheila Brandão e Maitê Gomes, com o objetivo de difundir obras de pessoas negras. (Figura 11) e ao lançamento do Festival Literário de Inverno de Ribeirão Preto (FLIRP), que contou com apresentações de música, dança, teatro, poesia, contação de histórias e conversas com uma diversidade de ativistas e artistas e transmissão online (Figura 12).

Figura 10 - Card de divulgação: Roda de conversa - Preconceitos na literatura

Arte: Rafael Pim

Roda de Conversa
Preconceitos na literatura
com Adonai Ishimoto e Carolina Gregório
em parceria com Experiências Literárias na Prisão

BIBLIOTECA
SINHÁ JUNQUEIRA

12 e 26 de fevereiro
17:00

Rua Duque de Caxias, 547
Centro, Ribeirão Preto.



Fonte: Rafael Pin/ Instagram / Biblioteca Sinhá Junqueira, 11 de fevereiro de 2020.

Figura 11 - Card de divulgação: Clube Do Livro Resenha Preta

Clube de leitura

Resenha Preta

Idealizado por: Iuliana Rodrigues

Sábado, 27 de março

11:00



NA
MINHA
PELE

**LÁZARO
RAMOS**

Livro: "Na minha pele"
Lázaro Ramos

Mediado por:
Camila Santos
Sheila Brandão
Maitê Gomes



Resenha da Preta

Rua Duque de Caxias, 547
Centro, Ribeirão Preto.



BIBLIOTECA
SINHÁ JUNQUEIRA

Arte: Rafael Pim

Fonte: Rafael Pim/ Instagram/ Biblioteca Sinhá Junqueira, 26 de fevereiro de 2020.

Figura 12 - Card de divulgação: programação do Festival Literário De Inverno De Ribeirão Preto (FLIRP)



Fonte: Instagram/Biblioteca Sinhá Junqueira, 23 de julho de 2021.

Ainda em 2021, o coletivo CapTurArte, que busca através da arte transformar a vida das pessoas e contribuir com a desigualdade, realizou mais uma vez seu sarau (Figura 13). Aconteceram também a campanha de arrecadação de brinquedos em bom estado visando a doação para crianças vulneráveis em parceria com a CUFA Ribeirão Preto (Central Única Das Favelas) (Figura 14), e a “Campanha Pobreza e dignidade menstrual” que arrecadou absorventes e produtos de higiene para pessoas em situação de vulnerabilidade social a partir da parceria e idealização do coletivo de Ribeirão Preto, “Coletivo Hip Hop por elas” (Figura 15).

Figura 13 - Card de divulgação: Sarau CapTurArte



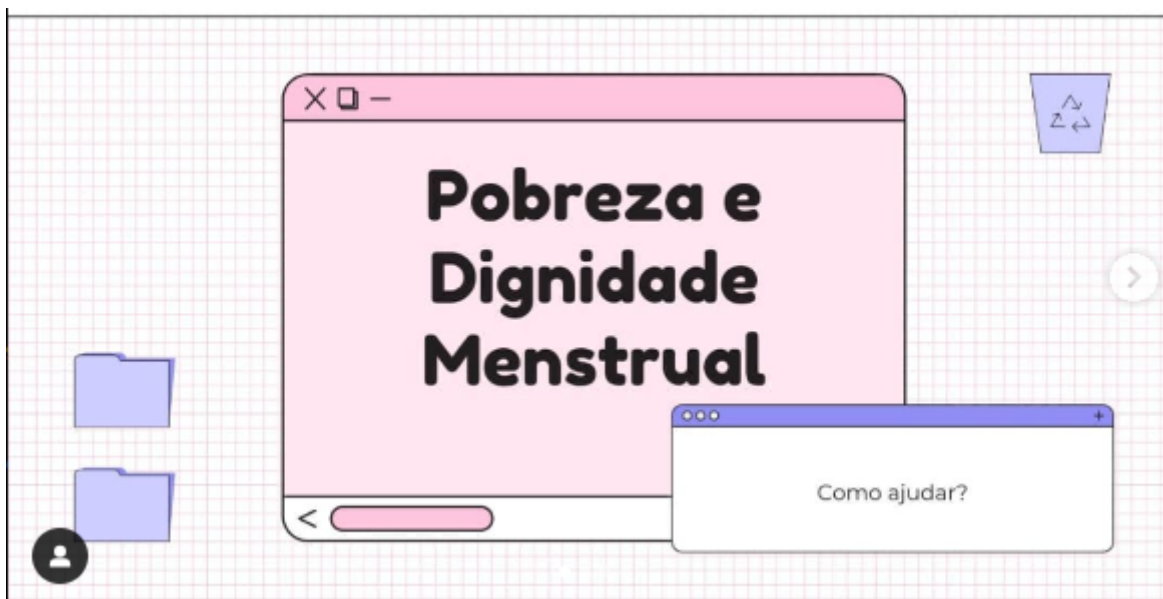
Fonte: Facebook/Biblioteca Sinhá Junqueira, 15 de novembro de 2021.

Figura 14 - Card de divulgação: Campanha de doação de brinquedos



Fonte: Instagram/Biblioteca Sinhá Junqueira, 14 de setembro de 2021.

Figura 15 - *Print screen* do card de divulgação da campanha: Pobreza e Dignidade Menstrual



Fonte: Instagram/Biblioteca Sinhá Junqueira, 21 de outubro de 2021.

Dando continuidade, faremos destaque para duas ações educacionais desenvolvidas na biblioteca em 2022. Uma delas se trata de um “Curso de introdução à língua portuguesa para estrangeiros” que ocorreu em parceria com a professora de Letras Maria Helena da Nóbrega (Figura 16), e o “Curso de comunicação e audiovisual” voltado para alunos da rede pública de ensino, com idades de 14 à 16 anos e realizado em parceria com o projeto COM.VOCÊ (Figura 17) do Girassol Caminhos Criativos, com patrocínio do Instituto EP.

Na parte cultural, a BSJ recebeu WinniT, músico e compositor trans, referência do movimento Hip Hop de SP que mediou a roda de conversa sobre “A relação do ser-humano (pluralidade e diversidade de corpos) com o espaço, com foco principal em espaços culturais (Figura 18). Aconteceu também a 2ª edição do Festival Literário de Inverno de Ribeirão Preto (FLIRP) que contou com 6 dias de evento e também uma programação diversa com música, cultura e literatura que contou com diversos artistas no sábado dia 23/07/2023 (Figura 19).

Figura 16 - Foto de alunos em aula no Curso de introdução à língua portuguesa para estrangeiros



Fonte: Facebook/Biblioteca Sinhá Junqueira, 29 de janeiro de 2022.

Figura 17 - Card de divulgação: Curso de comunicação e audiovisual

PROJETO
COM. VOCE

Educação e cidadania

Curso de comunicação e audiovisual **GRATUITO**

São 15 vagas para estudantes de escolas públicas entre 14 a 16 anos.

Aulas na **Biblioteca Sinhá Junqueira**, no Centro de Ribeirão Preto.

Mais informações:
girassolcaminhoscriativos@gmail.com
whatsapp (16) 99120 4113

Patrocínio
Biblioteca Sinhá Junqueira
EPTV

Apoio
EPTV

Parceria
Biblioteca Sinhá Junqueira

Produção Executiva
GIRASSOL

Fonte: Facebook/Biblioteca Sinhá Junqueira, 19 de janeiro de 2022.

Figura 18 - Card de divulgação: Roda de conversa: A relação do ser humano (pluralidade e diversidade de corpos) com o espaço, com foco principal em espaços culturais



Fonte: bagladyk/ Facebook/ Biblioteca Sinhá Junqueira, 11 de maio de 2022.

Figura 19 - Card de divulgação: Programação 23/07/2022

23/07

- Roda de Conversa Dia da Mulher Negra Latina Americana e Caribenha - Jessica Machado - Auditório.
11 horas.
- Vivência Musical - Piano Forte
14 horas.
- Projeto TUFF GRRRLS + Feira de Vinil com Freddy Batista
14 horas.
- Livro, Prosa e Cia + Leia mulheres
15 horas.
- Roda de conversa “As voltas que o disco dá” - Eduardo Cruz.
15 horas.
- Bruna Liz - Oficina de Arte e Música.
17 horas.
- Batalha de Rimas + DJ PIXAIN
19 horas. Quintal

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:
terça a sexta das 10h às 19h
e aos sábados das 9h às 18h.

A entrada é gratuita, assim como todos os serviços oferecidos

EDUCANDÁRIO

BIBLIOTECA SINHÁ JUNQUEIRA

Fonte: Facebook/Biblioteca Sinhá Junqueira, 23 de julho de 2022

Adentrando o ano de 2023 nos chamou a atenção o projeto “Cura pela arte: oficina de arteterapia para mulheres” em parceria com Alcía Delgado, que objetivou facilitar o acesso à saúde mental para mulheres a partir dos preceitos de criatividade, autocompaixão e coletividade (Figura 20). Evidenciamos também o projeto que busca promover o ensino de inglês a todos com o curso “English descomplicado” mediado pela professora Atrielle Bueno (Figura 21).

Outra iniciativa promovida neste ano foi a roda de conversa aberta “O que dizem as minorias sobre o privilégio masculino branco?”, uma iniciativa do projeto Lugar de escuta, feita com o objetivo de repensar as masculinidades, a partir do debate com pessoas de diferentes grupos sociais (Figura 22).

Figura 20 - Card de divulgação: Cura pela arte - oficinas de arteterapia para mulheres

CURA PELA ARTE
Oficinas de arteterapia para mulheres
Por Alicia Delgado

INÍCIO: 06/01
16: 30 às 18h

R. Duque de Caxias, 547
Centro, Ribeirão Preto

- 5 encontros gratuitos
- Para mulheres (cis e trans) maiores de 18 anos

 BIBLIOTECA
SINHÁ JUNQUEIRA

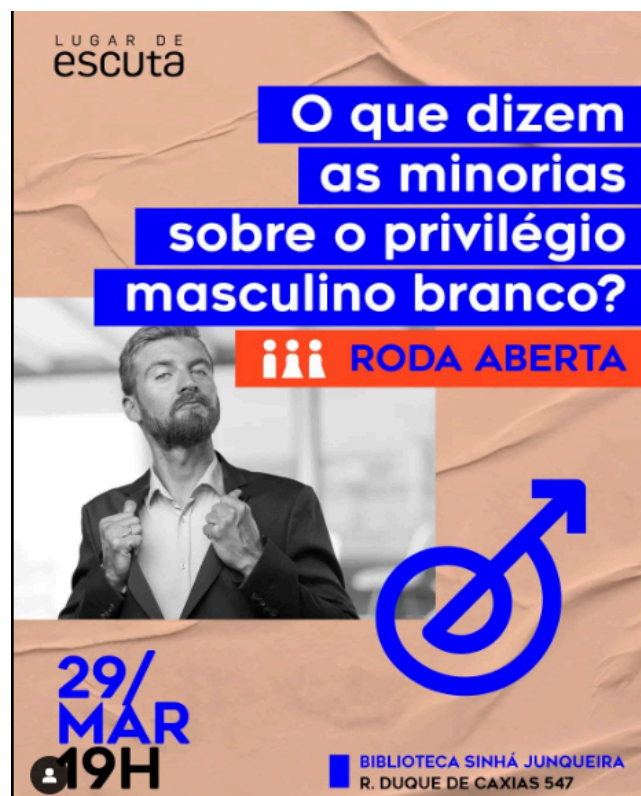
Fonte: Facebook/Biblioteca Sinhá Junqueira, 29 de dezembro de 2022.

Figura 21 - Print Screen do card de divulgação do curso: English descomplicado



Fonte: Instagram/ Atrielle Bueno e Biblioteca Sinhá Junqueira 31 de março de 2023.

Figura 22 - Print Screen do card de divulgação: O que dizem as minorias sobre o privilégio masculino branco?



Fonte: Instagram/ Lugar de escuta e Biblioteca Sinhá Junqueira, 24 março de 2023.

No âmbito da sustentabilidade a BSJ promoveu, em parceria com o projeto Nova Acrópole, a palestra “Ecologia humana e a integração com a natureza” na Semana do Meio-ambiente (Figura 23). Já no mês de junho, Mês da Visibilidade LGBTQIAPN+, a biblioteca em parceria com o coletivo Becomadre promoveu um evento onde pessoas de diferente gêneros, crença, gerações, orientação sexual, etnias e classes sociais pudessem apreciar música eletrônica, a moda e a cultura underground (Figura 24);

Figura 23 - *Print screen* do card de divulgação da palestra: Ecologia humana e a integração com a natureza



Fonte: Instagram / Biblioteca Sinhá Junqueira, 25 de maio de 2023.

Figura 24 - Print screen do card de divulgação: Evento Becomadre



Fonte: Instagram / Biblioteca Sinhá Junqueira, 14 de junho de 2023.

Posteriormente foi realizada a “Oficina sobre Biblioteca Acessível e Bibliodiversidade” com a parceria de Rafael Bueno, Amanda Silva da Fundação Dorina Nowill, e o Prof. Marcio Evangelista, objetivando a desmistificação sobre a leitura para leitores com deficiências visual, apresentação de recursos e possibilidades de acessibilidade para esse público (Figura 25)

Figura 25 - *Print screen card* de divulgação: Oficina sobre Biblioteca Acessível e Bibliodiversidade



Fonte: Instagram/ Biblioteca Sinhá Junqueira, 28 de setembro de 2023.

Dando continuidade, levantaremos a palestra “Descolonizando Afetos” com a ativista, indígena Guaraní, psicóloga e escritora Geni Núñez, que teve o fim de discutir como o eurocentrismo influenciou nos formatos de relacionamentos a partir do processo de colonização e como é possível uma desconstrução dos padrões de relacionamento neste sentido (Figura 26).

Figura 26 - Foto da palestra: Descolonizando Afetos



Fonte: Paulo Ricardo/ Instagram / Biblioteca Sinha Junqueira, 06 de outubro de 2023.

Por fim, trazemos o Festival Potências Pretas, que objetivou promover a cultura negra, a partir da construção coletiva de artistas de Ribeirão Preto. O festival contou com uma semana de atividades para todas as idades, e tratou das temáticas ancestralidade, antirracismo e cultura negra, a partir de vivências com música, oficinas, contação de histórias, cinema e debates. Participaram diversos artistas, como as escritoras Elizandra Souza e Cidinha da Silva, DJ Spin, a contadora de histórias La Diva Croquete, o festival de curtas Cine Zumbido, o projeto Lugar de Escuta, e os músicos Fernanda Marx, Vinicius Preto, Black Soul Power e Alessandro Machado (Figura 27).

Figura 27 - Card de divulgação: Festival Potências Pretas

Fundação Educandário

Programação

Festival Potências Pretas

ter. 21/11
19h - Bate papo com Cidinha da Silva

qua. 22/11 **qui. 23/11** **sex. 24/11**
19h - Oficina de discotecagem com DJ Spin

sex. 24/11
16h30 - Festival de curtas Cine Zumbido com Anderson LadoBeco

sáb. 25/11
10h - Contação de história infantil com La Diva Croquete

14h - Lugar de Escuta: Antirracismo, o que eu tenho a ver com isso?
15h - Show "Abraço" com Alessandro Machado
17h - Show: Vinicius Preto convida Black\$tar e Bubba
18h - Bate papo: "Literatura Negra Feminina" e Lançamento do Livro: Filha do Fogo com Elizandra Souza - Mediação: Iuliana Rodrigues
19h - Show: Fernanda Marx canta Alcione
20h30 - Show: Banda Black Soul Power

Potências Pretas

Horário de funcionamento: terça a sábado das 9h às 18h;
 Endereço: Rua Duque de Caxias, 547 - Centro, Ribeirão Preto.
 A entrada é gratuita, assim como todos os serviços oferecidos.

BIBLIOTECA SINHÁ JUNQUEIRA

Horário de funcionamento: terça a sábado das 9h às 18h;
 Endereço: Rua Duque de Caxias, 547 - Centro, Ribeirão Preto.
 A entrada é gratuita, assim como todos os serviços oferecidos.

BIBLIOTECA SINHÁ JUNQUEIRA

Fonte: Instagram / Biblioteca Sinhá Junqueira, 20 de novembro de 2023 (editado pela autora).

7. RESULTADOS E ANÁLISE

Para a primeira análise proposta, a quantitativa, referente à cobertura das publicações referente ao tema no recorte temporal de dez anos (2014-2024), obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 1 - Resultado das bases referente às Bibliotecas Vivas

EXPRESSÕES DE BUSCA	Google Acadêmico	SciELO	BDTD
"Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação"	15.600	593	3.195
"Bibliotecas"	51.400	210	457.932
"Biblioteca Viva*"	789	0	8
"Opressão" OR "Oprimido" OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais"	29.800	211	2.321
"Mediação"	106.000	630	6.062
"Protagonismo social"	8.160	7	100
("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação") AND ("Bibliotecas")	16.100	82	1.861
("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação") AND ("Biblioteca Viva*")	294	0	1
("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação") AND ("Opressão" OR "Oprimido" OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais")	7.280	1	21
("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação") AND ("Mediação")	16.100	25	235
("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação") AND ("Protagonismo social")	785	2	19
("Biblioteca Viva*") AND ("Opressão" OR "Oprimido" OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais")	186	0	0
("Biblioteca Viva*") AND ("Mediação")	367	0	2
("Biblioteca Viva*") AND ("Protagonismo social")	14	0	1
("Biblioteca Viva*") AND ("Opressão" OR "Oprimido" OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais") AND ("Mediação") AND ("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação")	36	0	0
("Biblioteca Viva*") AND ("Opressão" OR "Oprimido" OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais") AND ("Protagonismo social") AND ("Mediação") AND ("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação")	4	0	0
("Biblioteca Viva*") AND ("Opressão" OR "Oprimido" OR "Grupos vulneráveis" OR "Minorias sociais") AND ("Protagonismo social") AND ("Mediação") AND ("Biblioteconomia" OR "Ciência da Informação")	4	0	0

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Nesse sentido, confirma-se a hipótese de que faltam estudos relacionados à Biblioteca Viva, principalmente no que se refere ao foco social para com as minorias e pessoas em situação de vulnerabilidade social e informacional. Esse evento ocorre principalmente nas bases de dados mais especializadas em comparação com a Google Acadêmico. Muitos dos trabalhos encontrados não apontam estudos que trazem conceitos referentes a bibliotecas vivas, mas situações de caso de bibliotecas e ações socioculturais de mediação da informação, relacionadas às bibliotecas tradicionais que utilizam o termo de forma errônea, colocando a biblioteca como viva, no sentido da defesa da existência de bibliotecas físicas ou apenas no seu caráter de incentivo à leitura, ao qual defendemos, mas que a partir das

discussões levantadas, não dão conta de abraçar toda a riqueza de ações do modelo.

Visto isso, foi de extrema importância a assimilação dos seguintes termos que induzem as práticas de mediação informacional para bibliotecas vivas: protagonismo social, ação cultural, mediação sociocultural e dispositivo informacional. Com o efeito de fomento do modelo biblioteca viva, o conjunto desses elementos aplicados pragmaticamente aparentam expandir os horizontes das atuações possíveis de uma biblioteca pública, tal como a sua boa aceitação pelo público.

Quanto ao estudo de caso, é inquestionável dizermos que a Biblioteca Sinhá Junqueira atende aos mais variados públicos, na medida em que os seus números demonstram isso. Em 2021, o público anual da biblioteca foi de quase 70 mil visitantes (BSJ recebe [...], 2022), em 2022 aumentou para 159 mil, se tornando a 3ª biblioteca mais frequentada do Brasil (Sobre [...], [2023?]). Em 2023 o público chegou a 170 mil visitantes, o equivalente a 23% da população de Ribeirão Preto e a visita de cerca de 700 visitantes por dia. Com tudo isso, a biblioteca é hoje a mais frequentada do interior paulista e se tornou referência cultural no estado de SP (Monteiro, 2024, informação falada).

Em primeiro lugar, avaliamos que a agenda cultural da BSJ é extremamente rica. Houveram dificuldades de selecionar as atividades culturais, devido a tantas opções que caberiam para este trabalho. Optamos por trazer representatividade conforme alguns dos grupos vulneráveis, no sentido em que pudessem ser abrangidas atividades culturais, artísticas, educacionais e de saúde. Neste sentido, é nítido que a participação da comunidade é essencial na facilitação da agenda cultural da biblioteca, tanto por meio de projetos culturais, sociais, de incentivo à leitura e educacionais, quanto por representação física, de pessoas que se sentem à vontade para estarem na biblioteca, dialogando e compartilhando informações, vivências e conhecimento sobre os mais diversos temas com o público.

Podemos avaliar as nossas colocações sustentadas por autores que contribuem para o conceito de protagonismo social, e ousarmos dizer que na BSJ, os sujeitos informacionais, com suas necessidades informacionais, são protagonistas de suas próprias histórias, identidades e conhecimentos, principalmente aqueles que organizam, em parceria com a biblioteca, atividades que visam fortalecer o grupo de pessoas vulneráveis e minoritários. Isto porque são sujeitos ativos, assumem posição de estarem à frente de projetos que os

representem (Gomes, 2019) e o fazem pois foram cativados e incentivados a utilizarem suas potencialidades, pelos mediadores da informação (Reis, 2014). O resultado é a promoção constante de inúmeras vivências culturais, artísticas, educacionais, de literatura entre outras que permeiam as ações socioculturais.

Um exemplo, é que ao compreendermos o papel da mulher nas lutas por libertação ao patriarcado e ao racismo o ativismo atual gerou grandes revoluções, que só foram possíveis graças ao protagonismo e resistência de mulheres ancestrais nos séculos passados, sendo elas as negras, indígenas e escravizadas que lutaram arduamente e enfrentaram violências extremas por libertação (Almeida, 2020).

Estas lutas sustentam e revigoram o sentido de esperança das mulheres do mundo atual, ao ocuparem locais de protagonismo na biblioteca, discutirem suas mazelas e promoverem o bem-estar de umas às outras, principalmente ao que tange o conceito de interseccionalidade na luta feminista (Almeida, 2020). Por interseccionalidade, esta se configura como uma via de sustentação para “[...] explicar, entender, unir e recuperar as marcas deixadas pelo colonialismo, possibilitando um diálogo entre raça/etnia, gênero, classe social, orientação sexual” (Almeida, 2020, p. 100).

Ao buscarmos as ações para apresentar no trabalho, foi possível constatar um número expressivo de atividades que acontecem por mediação feminina, e que debatem questões de gênero, mas não somente, que possibilitam encontros de escuta, oportunidades, e protagonismo social. Tal prática colabora também para o objetivo 5 da Agenda 2030 (ONU, 2015).

Da mesma maneira, as campanhas de doação para grupos vulneráveis e principalmente as oportunidades que incentivam acesso ao mercado de trabalho, também contribuem para os objetivos 1, 4 e 10 (ONU, 2015). Já o sobre o objetivo 11, houve uma maior dificuldade em encontrarmos atividades que tratam sobre sustentabilidade, contudo, por seu ambiente adaptado, sala com equipamentos de acessibilidade e espaço arborizado a BSJ atende a uma das metas deste objetivo que é o de “[...] proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, em particular para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência” (ONU, 2015, p. 33).

Quanto ao objetivo 16 (ONU, 2015), compreendemos que todas as atividades e projetos corroboram para a sua efetividade. A variedade indescritível de temáticas

e grupos envolvidos na agenda da biblioteca demonstram este fato. A saber, as atividades que visam expor a cultura da comunidade LGBTQIANP, principalmente de mulheres trans, as apresentações musicais, oficinas, clubes de leituras temáticos, entre muitas outras iniciativas. Considerando toda a preocupação da BSJ para com a existência biblioteca pública, de qualidade, democrática, analisamos que a mesma cumpre com as missões e objetivos esperados do Manifesto da Biblioteca Pública da IFLA-UNESCO/2022. O faz, não numa posição vertical de construção mas a partir da colaboração participativa da comunidade, de profissionais de diversas áreas, que estão em sintonia e em parceria constante com os funcionários da biblioteca para o planejamento de atividades e projetos socioculturais.

Ora os sujeitos da BSJ se encorajam para irem contra a violência que sofrem, pela sua existência, valorização de seus saberes, e reconhecimento de suas posições de marginalizados, estão indo, por necessidade, contra a hegemonia de produção de conhecimento e se não o fizeram seu saberes e conhecimentos só serão reconhecidos sob imposição da morte e de marginalidade (Amância, 2020, p. 97). O autor conclui, que em interdependência com uma produção do conhecimento decolonial, esta

“[...] deve ser feita articulada com as pessoas e não desvinculada da vida “real” e necessidades “práticas” das mesmas. É necessário que nos apropriemos criticamente dos domínios de saber “ocidentais” e irmos além deles através do trabalho conjunto de investigação com as pessoas e/ou comunidades envolvidas, indo ao encontro delas em seus “lugares de invenção” (ELA, 2013 apud Amâncio, 2020, p. 103).

Os resultados se direcionam também ao um trabalho excelente desenvolvido pelos profissionais envolvidos na construção da biblioteca. Estes estão cumprindo com o papel de mediadores da informação, ao não centralizarem neles a função de levantarem temas diversos no espaço da biblioteca, mas sim dando as condições para que os usuários se sintam tão pertencentes ao espaço que a construção se horizontaliza. Analisamos que os bibliotecários e demais profissionais de outros cargos da BSJ assumem plenamente a função de mediadores da informação não passíveis, e que o fazem na intenção de instigar os sujeitos para a mudança da realidade, na esperança de mudarem o mundo (Santos R.Sousa A., 2021). Com isso, as massas são envolvidas na construção da biblioteca que almejam.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do trabalho buscou compreender como uma biblioteca viva pode contribuir para a diminuição das desigualdades das minorias e grupos vulneráveis. a partir de suas atividades promovidas, e mediante a aplicação da mediação informacional voltada para o protagonismo social, além de analisarmos a influência para com o cumprimento da Agenda 2030 e do Manifesto da Biblioteca Pública da IFLA-UNESCO/2022.

Nesse sentido, cumprimos com todos os objetivos do trabalho. Foi possível explicar o que é o modelo biblioteca viva, e apresentar exemplos de ações desenvolvidas no país, demonstrando seu papel importante enquanto dispositivo informacional que ultrapassa o formato de bibliotecas voltado apenas para os recursos físicos e que atinge em maior grau diferentes públicos. Foi possível analisar que o público atendido através das atividades de bibliotecas vivas necessitavam de um serviço diferente dos tradicionais, pois as ações apresentaram boa recepção do público destas bibliotecas, principalmente a Biblioteca Sinhá Junqueira, que representa um centro cultural em Ribeirão Preto. Também, situamos quem são os sujeitos pertencentes às vulnerabilidades e minorias, delimitando um grande grupo e trazendo alguns destes grupos no estudo de caso parcial.

Ao realizarmos o levantamento bibliográfico da Agenda 2030 relacionado às bibliotecas, concluímos que é de extrema importância a atenção para os ODS, pois estes dizem respeito ao futuro da humanidade. Faz-se necessário um compromisso das bibliotecas para a adaptação dos seus serviços e para a disseminação da Agenda 2030, a fim de contribuir significativamente com seu alcance global. A partir dos estudos utilizados nas contribuições teóricas e análise do trabalho foi constatada a riqueza que possui o Selo Nyota, com trabalhos sensíveis e plurais, necessários para influenciar no olhar singular às minorias, colaborando assim, com a formulação dos resultados deste trabalho. Podemos afirmar que o selo é de suma importância para a área de biblioteconomia e ciência da informação em estudos sociais.

Em suma, este trabalho se mostrou atento em compreender outras possibilidades de existência de uma biblioteca para todos, que se pautem em reduzir as barreiras do acesso à cultura, educação, e democracia, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de seus usuários, principalmente aqueles afastados dos espaços públicos de decisão. Nossa hipótese, comprovada a partir de inúmeras

atividades, demonstra que bibliotecas vivas contribuem para a emancipação de grupos oprimidos, a partir do momento em que diversifica seus métodos de mediação da informação de maneira a permitir o protagonismo social dos sujeitos e o pertencimento destes. Ainda, nos permitiu investigar possibilidades de atuação profissional ativa de bibliotecários na construção das ações socioculturais a partir da mediação da informação, abrindo espaço para que pesquisas futuras sejam conduzidas no sentido de analisarem o perfil da(do) bibliotecária(o) que atua ou deseja atuar na construção de bibliotecas vivas. Naturalmente, foi possível meu aperfeiçoamento nas competências de investigação, seleção, comunicação e análise das informações além de sensibilidade quanto a temáticas sociais relevantes.

Concluo que é de extrema importância a continuidade dos estudos em “biblioteca viva”. Apesar dos resultados das experiências atuais serem vantajosos, não são muitas as bibliotecas vivas, o que implica na necessidade de um maior discussão acadêmica na área, que desague no debate sobre o futuro da biblioteca. Ainda, um estudo de campo com os leitores de bibliotecas vivas poderia proporcionar um entendimento mais íntegro sobre quais os aspectos positivos que estes leitores visualizam ao fazerem parte das atividades da biblioteca. Também, estudos que conceituam o termo “biblioteca viva” e que apresentam dados sobre quantas bibliotecas no Brasil se concebem assim, são necessários para uma compreensão mais ampla das diferentes experiências qualitativa e quantitativamente.

Por fim, afirmamos que estamos trilhando um caminho onde há muito chão para se percorrer. Estudos futuros sobre o modelo tendem a disseminá-lo, portanto é necessário construir melhor seu significado para que não hajam equívocos, compreender as dificuldades de construção e existências de bibliotecas vivas, instigar as organizações governamentais a construïrem políticas públicas e repasse de recursos para a cultura e educação para que as bibliotecas públicas possam explorar melhor as infinitas possibilidades de atividades culturais para/com os seus usuárias. Desta forma, acreditamos ser possível a colaboração de bibliotecas no combate às desigualdades, por uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

A BIBLIOTECA. São Paulo, **Biblioteca Parque Villa-Lobos**, c2024. Disponível em: <https://bvl.org.br/a-biblioteca/>. Acesso em: 5 jan. 2024.

ALMEIDA, Emanuely Vitoria da Silva. interseccionalidade: do sofrimento colonial ao ativismo político produtor de conhecimento. *In*: MORTARI, Claudia; WITTMANN, Luisa (Org.). **Diálogos sensíveis: produção e circulação de saberes diversos**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 97-113. (Selo Nyota). Disponível em: https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a_5ed28114b8b241948043e2cf6d3ee7db.pdf. Acesso em: 21 jan. 2024.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. 1. ed. São Paulo: Editora Polis, 1997. v. 1. 129 p. Disponível em: <https://abecin.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Sociedade-e-biblioteconomia.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; NETO, João Arlindo dos Santos. Mediação da informação e a organização do conhecimento: interrelações. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 98-116, 2014. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16716/pdf_25. Acesso em: 03 jan. 2024.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca Pública: ambiguidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. **InfoHome**, [S.l.], nov 2017a. Artigos e textos. Disponível em: https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=13. Acesso em: 05 ago. 2023.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Ação cultural e protagonismo social. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Org.). **Informação e Protagonismo Social**. Salvador: EDUFBA, 2017b. P. 45 - 58. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33742>. Acesso em: 16 jan. 2024.

AMÂNCIO, Hélder Pires. De(s)colonizar o conhecimento, desmarginalizar os saberes e interligar as lutas políticas ao sul. *In*: MORTARI, Claudia; WITTMANN, Luisa (Org.). **Narrativas Insurgentes: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos**. Coleção AYA, V. 1. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 71-108. (Selo Nyota). Disponível em: https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a_a10bba0721184f62a6d17b63fe021fec.pdf. Acesso em: 21 jan. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação — referências: elaboração. 2. ed. Rio de Janeiro, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2023.

BARRETO, A. A. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 3-8, 1994. Disponível em: <https://encurtador.com.br/pDF79>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BIBLIOTECA SINHÁ JUNQUEIRA (@BSJRP). FOTOS E VÍDEOS DO INSTAGRAM. Ribeirão Preto, [s. d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/bsjrp/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

BIBLIOTECA SINHÁ JUNQUEIRA E A REDE DE SOLIDARIEDADE PARA MUDAR RP. Ribeirão Preto, 07 abr. 2020. Instagram: Biblioteca Sinhá Junqueira @bsjrp. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNYSh2LJC6G/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 18 fev. 2024.

BIBLIOTECAS VIVAS: conhecimento e diversidade ao alcance de todos. **Portal do Governo do Estado de São Paulo**, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/bibliotecas-vivas-conhecimento-e-diversidade-ao-alcance-de-todos/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

BRASIL. Governo Federal. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Coronavírus brasil**. 2024. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

BSJ e você. **Biblioteca Sinhá Junqueira**, Ribeirão Preto, [202?]. Disponível em: <https://bsj.org.br/bsj-e-voce/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BSJ recebe quase 70 mil visitantes em 2021. **Biblioteca Sinhá Junqueira**, Ribeirão Preto, 2022. Disponível em: <https://bsj.org.br/noticia/bsj-recebe-quase-70-mil-visitantes-em-2021>. Acesso em: 20 jan. 2024.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. Tradução de Luciane Artêncio. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, [S.l.], v.45, n.5, p.351-360, 1991. Disponível em: [https://www.cin.ufpe.br/~cjgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20\(thing\).pdf](https://www.cin.ufpe.br/~cjgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20(thing).pdf). Acesso em: 10 jan. 2024.

COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural: Cultura e Imaginário. Iluminuras, São Paulo, 1997. 384 p. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Coelho-Dicionario_critico_de_politica_cultural.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

CRUZ, Ruleandson do Carmo; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Sujeito informacional, conceito em emergência: uma revisão teórico-conceitual de periódicos Ibero-Americanos. **Informacao & sociedade-estudos**, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/40860/2/2020_Sujeito%20informacional%20c%20conceito%20em%20emerg%20c3%aancia%20uma%20revis%20te%20%20b3rico-conceitual%20de%20peri%20c3%b3dicos%20ibero-americanos.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

DE SOUSA, Maria Eliziana Pereira; TARGINO, Maria das Graças. Cinco leis da biblioteconomia/Cinco leis de Ranganathan: resistindo bravamente ao tempo. **Ciência da Informação em Revista**, v. 3, n. 1, p. 11-29, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/2334/1840>. Acesso em: 27 out. 2023.

Equipe. **Biblioteca Sinhá Junqueira**, Ribeirão Preto, [2023?]. Disponível em: <https://bsj.org.br/equipe/?url=equipe>. Acesso em: 20 jan. 2024.

FEBAB. **Cartilha para Municípios: Biblioteca Viva - Todo município pode ter bibliotecas de qualidade**, Repositório FEBAB, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4562>. Acesso em 28 dez. 2023.

FERNÁNDEZ, I. Gretel M. Eres; KANASHIRO, Daniela Sayuri Kawamoto. Leitura: da antiguidade ao século XXI. O que mudou?. **Revista UFG**, v. 13, n. 11, p. 135-144, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48394>. Acesso em: 18 fev. 2024.

FIOCRUZ. IMPACTOS sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. **Fiocruz**, [s.d.]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em: 18 fev. 2024

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Disponível em http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/acao_cultural_liberdade.pdf. Acesso em: 30 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: 12 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FREITAS, Jaqueline Costa Silva; LEHFELD, Lucas De Souza; NEVES, Yasmin Bussoletti. Minorias e grupos vulneráveis: compreendendo os conceitos para obter a devida tutela jurídica. CONGRESSO BRASILEIRO DE PROCESSO COLETIVO E CIDADANIA. **Anais...**, [s. l.], v. 10, n. 10, p. 98–112, 2022. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/cbpcc/article/view/2794>. Acesso em: 14 jan. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 07 jan. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas, 2008. 200 p. Disponível em:

<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 46-59, 2014. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994/19090>. Acesso em: 05 jan. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo Social e Mediação da Informação.

Logeion: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, RJ, v. 5, n. 2, p. 10–21, 2019.

Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 23 set. 2023.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & sociedade: estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-23, 2020. Disponível em:

<https://encurtador.com.br/kl267>. Acesso em: 11 jan. 2023.

GÓNZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, [Rio de Janeiro], v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em:

<https://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/127/1/GomesDataGramaZero2000.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. **Biblioteca viva: o que a biblioteca pode fazer pela sua comunidade**.

Notas de biblioteca, v. 5, SP Leituras, São Paulo, 2013. 45 p. Disponível em:

https://siseb.sp.gov.br/arqs/Notas5_web.pdf. Acesso em: 12 jul. 2023.

Home. **Biblioteca Sinhá Junqueira**, Ribeirão Preto, [2020?]. Disponível em:

<https://bsj.org.br/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

IDÁ Almeida. Metodologia do trabalho científico. Recife, PE: **Editora Ufpe**, 2021.

Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/49435/1/METODOLOGIA%20DO%20TRABALHO%20CIENT%20C3%8DFICO.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2024.

LESSA, Bruna; GOMES, Henriette Ferreira. A biblioteca pública como um empório de ideias: evidências do seu lugar na sociedade contemporânea. **Informação &**

Sociedade, v. 27, n. 1, 2017. Disponível em: <https://acesse.dev/Ggm9y>. Acesso em: 07 jan. 2024.

LEWGOY, Júlia. Alta no preço dos livros impacta 22% dos brasileiros e atinge mais a baixa renda. **Valor Investe**, São Paulo, 2020. Disponível em:

<https://valorinveste.globo.com/objetivo/gastar-bem/noticia/2020/08/31/alta-no-preco->

[dos-livros-impacta-22percent-dos-brasileiros-e-atinge-mais-a-baixa-renda.ghtml](#).

Acesso em: 22 jan. 2024.

LÓPEZ CALDERA, Orledys María de Jesús. **Mediação da informação na defesa dos direitos humanos e no desenvolvimento do protagonismo social: um estudo do caso do Observatório Venezuelano de Conflictividad Social (OVCS)**. 2021. Dissertação (Pós-Graduação em Ciência da Informação Salvador), Universidade Federal da Bahia. 170 p. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ehC26>. Acesso em: 02 jan. 2024.

MC'DONALD, Vicki. IFLA Newsletter, September 2023: The Literacy Issue. *In: IFLA*, 2023. Disponível em: <https://www.ifla.org/news/ifla-newsletter-september-2023/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MILANESI, L. Biblioteca pública: do século XIX para o XXI. **Revista USP**, n. 97, p. 59-70, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/61685>. Acesso em: 28 dez. 2023.

MONTEIRO, Ciro. O final de ano é um período de olhar para trás e celebrar as conquistas...Ribeirão Preto, 02 jan. 2024. **Reels do Instagram**: Biblioteca Sinhá Junqueira @bsjrp Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C1nE-iGyQUn/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 20 jan. 2024.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 189–206, 2006. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/432>. Acesso em 18 nov. 2024.

MORIGI, Valdir José; VANZ, Samile Andréa de Souza; GALDINO, Karina. O bibliotecário e suas práticas na construção da cidadania. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis. Vol. 7, n. 1/2 (2002), p. 134-146, 2002. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/390/479>. Acesso em: 14 dez. 2023.

O 2º Festival Literário de Inverno de Ribeirão Preto está chegando!. Ribeirão Preto, 30 jul. 2022. Instagram: Biblioteca Sinhá Junqueira @bsjrp. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CfbqxRRMW5J/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MjM0N2Q2NDBjYg==. Acesso em 20 jan. 2024;

Organização Das Nações Unidas (ONU). **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Nova Iorque: ONU, 2015. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/Brasil_Amigo_Pesso_Idosa/Agenda_2030.pdf. Acesso em 27 out. 2023.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramZero-Revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 5, 2004. Disponível em: <https://bsf.org.br/wp-content/uploads/2017/05/ORTEGA-RELA%C3%87%C3%95ES->

[HISTÓRICAS-ENTRE-BIBLIOTECONOMIA-DOCUMENTAÇÃO-E-CIÊNCIA-DA-INFORMÁTICA.pdf](#). Acesso em: 20 out. 2023.

PEREIRA, Ana Paula *et al.* Biblioteca pública como dispositivo de transformação social e a Agenda 2030. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, v. 15, p. e02127, 2021. Tradução ... Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/12492/8216>. Acesso em: 23 out. 2024.

PINTO, Marli Dias de Souza; GERALDO, Genilson. Estudo de usuários: tendências e desafios. In: SILVA, Andréia Sousa da; MARTENDAL, Fernanda Frasson (Org.). **A perspectiva social nos estudos de usuários em arquivos, bibliotecas e museus: teoria e prática**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2021. p. 19 - 21. (Selo Nyota). Disponível em: https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a_8237edeca06f4f53b92c0c8e0fe5005f.pdf. Acesso em: 29 out. 2023.

PÚBLICAS, FEBAB Grupo de Trabalho Bibliotecas. Manifesto em defesa das Bibliotecas Públicas no Brasil – 2019. [S. l.]: FEBAB, 2019. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4603>. Acesso em: 05 jan. 2023.

RABELLO, Rodrigo; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Usuário de informação e rale estrutural como não-público: reflexões sobre desigualdade e invisibilidade social em unidades de informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1 - 24, 2020. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/41794/>. Acesso em 05 jan. 2024.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosangela Formentini. Mediação cultural na biblioteca pública para a cultura de paz e integração social. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 4, n. 2, p. 44 - 57, 2017. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/66/pdf>. Acesso em 15 jan. 2024.

REIS, Alcenir Soares dos. Biblioteca e educação em interlocução: repatriar luz/esperança. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, p. 48-63, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2287>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/k9RJMyvyrFwrMvZ7t6KcssB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jan. 2024.

RIBEIRO, Débora. **Práxis - Dicio, Dicionário Online de Português**. [S. l.], [S.d]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/praxis/>. Acesso em: 16 jan. 2024.

SANTA MARÍA, Gloria María Rodríguez; VASCO, Irene. **Bibliotecas vivas: as bibliotecas públicas que queremos**. Tradução e adaptação de Célia Ribeiro Zaher e May Brooking Negrão. Notas de biblioteca, v. 6, São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, SP Leituras, 2013. 112 p. (Selo Nyota). Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/PESQuISA/ebooks/359156.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

SANTOS, Bruno Almeida dos; LUBISCO, Nídia M. A informação e seu caráter social. *In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da Silva; LIMA, Graziela dos Santos Lima (Org.). **Bibliotecári@s Negr@s: informação, educação, empoderamento e mediações***. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019. p. 359 - 372. (Selo Nyota). Disponível em:

https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a_3062ea7da36b437ea1c94b5e9d213385.pdf. Acesso em 29 out. 2023.

SANTOS, José Henrique Adriano. **Origem e evolução das bibliotecas ao longo do tempo**. 2014. Monografia (Graduação em Biblioteconomia). Brasília, Universidade de Brasília. Disponível em: Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/8619>. Acesso em: 20 junho 2023.

SANTOS, Raquel do Rosário; SOUSA, Ana Claudia Medeiros de. Arquivo, Biblioteca e museu como dispositivos de mediação da informação e de reconhecimento dos traços identitários e memorialísticos dos usuários. *In: SILVA, Andréia Sousa da; MARTENDAL, Fernanda Frasson (Org.). **A perspectiva social nos estudos de usuários em arquivos, bibliotecas e museus: teoria e prática***. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2021. p. 83 - 103. (Selo Nyota). Disponível em: https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a_8237edeca06f4f53b92c0c8e0fe5005f.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima Romeiro. Sobre. **Nyota**, [S.l], c2024. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/sobre>. Acesso em: 29 out. 2023.

SILVA, Jonathas Carvalho; GOMES, Henriette Ferreira. Conceitos de informação na Ciência da Informação: percepções analíticas, proposições e categorizações. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 25, n. 1, p. 157-157, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/145/13200>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SILVA, Rafaela Carolina da; JORENTE, Maria José Vicentini; CALDAS, Rosângela Formentini. Integração da competência em informação no contexto das bibliotecas vivas. **Revista Ibero - Americana de Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 275 - 294, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2541/2269>. Acesso em: 18 abr. 2023.

SOBRE a BSJ. **Fundação Educandário**, Ribeirão Preto, [2023?]. Disponível em: <https://educandariorp.com.br/instituicoes/biblioteca-sinha-junqueira/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

UNESCO, IFLA. **Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022**. 2022. Repositório FEBAB. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6247>. Acesso em: 25 jun. 2023.